EQUADOR

Clovis Barbosa
Editor



Fac-similado

Equador

(Fac-similado)



Governador do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador do Amazonas
Samuel Assayag Hanan

Secretário de Estado da Cultura, Turismo e Desporto
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária Executiva de Estado da Cultura, Turismo e Desporto
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Secretária Executiva Adjunta
Inês Lima Daou

Assessor de Edições
Antônio Auzier Ramos

Associação dos Amigos da Cultura
Saul Benchimol
Presidente

Alberto Paixão Gonçalves
Diretor Executivo

SEC
Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Av Sete de Setembro, 1546 - anexo ao Centro Cultural Palácio Rio Negro
69005-141 Manaus - Am - Brasil Tels (92) 633 2850 / 633 3041 / 633 1357 - Fax (92) 233 9973
e-mail sec@visitamazonas.com.br - www.visitamazonas.com.br

Clovis Barbosa
editor

Equador

(Fac-similado)



Edições Governo do Estado
Manaus - 2001

Acompanhamento Editorial: Editora da Universidade do Amazonas - EDUA

Editoração Eletrônica: Lídia Santos da Silva

Capa: Kintaw Design & Publicidade Ltda

Barbosa, Clovis (editor)
Equador /Clovis Barbosa (editor) (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
198p.: 21cm

1. Amazônia - História I. Título

CDD 981.2 CDU 981(811.31)

O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais de modo geral não tem paralelo no governo. No campo editorial já superamos todas as marcas, dando oportunidade aos novos escritores, reeditando clássicos da Amazônia, reanimando autores que, de há muito, não manifestavam interesse em retornar às lides literárias, gerando emprego na indústria editorial, renda e permitindo, o que é mais importante, que as prateleiras das livrarias e bibliotecas sejam permanentemente renovadas de autores com vinculações com a nossa terra.

E ainda há muito para realizar. E vamos persistir neste trabalho de ideal e preparação do futuro.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Apresentação

Com a circulação desta revista, entendia o seu fundador e diretor – Clovis Barbosa -, abria-se a porta do Eldorado naquele ano de 1929, e creio que tinha mesmo razão, porque os grandes escritores do Amazonas passaram a ter um veiculo expressivo para as suas manifestações: Equador.

O diretor era jornalista por excelência, sonhador mais realizador. Daqueles que sentia no coração o trabalho com que construía cada novo projeto de sua vida, e deixou exemplos de dignidade e perseverança, verdadeira paixão pela imprensa e pela literatura. Seu intento tinha razão de ser, é que estava em voga nos grandes centros a edição de revistas com este perfil, proposta que vinha resistindo desde o final do século anterior.

É dele o seguinte trecho na apresentação de Artigos de Jornal lançado pela SPVEA, anos depois, em 1959,

> *Todos os caminhos se encontram no jornal e terminam no cemitério. Acontece. Aconteceu. Dia a dia, morre a noticia. Nasce o foca e fina-se o escritor às procura da verdade de ninguém. As contingências do cotidiano se iluminam em tópicos editoriais, depoimentos, reportagens, que logo se apagam. A vida continua.O útil e o inútil se despem, instruindo novos segredos ao homem...*

Este número que agora é reeditado, em fac-símile, pelas Edições Governo do Estado reúne figuras do melhor estilo. Raymundo Moraes com um trecho do seu importante livro Pais das Pedras Verdes; Araújo Lima com O reino das Náiades, trecho do seu festejadíssimo Amazônia a Terra e o Homem, agora igualmente reeditado; Álvaro Maia com a poesia sobre as

Águas Barrentas; Coriolano Durand com O Guaribano; Jonas da Silva com dois sonetos de épocas distintas, ele que é um grande poeta; Adriano Jorge com o artigo Um Terceto do Purgatório, já incluído em vários estudos de literatura; Da Costa e Silva com O Carrossel Fantasma; João Leda já falando de Ruy Barbosa e a sua peculiar ortografia; dois sonetos de Genésio Cavalcante; Péricles Moares, autor de tantas obras reconhecidas, e seu artigo especial sobre Anatole France; Raul Azevedo com um capítulo de seus muitos livros; Araújo Filho, de quem pouco se tem falado nos tempos que correm, mas que foi emblemático no seu tempo; Washington Mello, de raros trabalhos publicados falando sobre a visão estática; E Celso Vieira; Abguar Bastos com a sua sucuri de cabeça de ópion; dois poemas de Pereirinha, o poeta Francisco Pereira que há pouco fiz redespertar para os de agora reeditando seu clássico Poemas Amazônicos.

Como se vê era revista para gostos seletos, obra que reunia os melhores escritores com temas variados e que, em verdade, pelo menos no curto tempo que viveu, foi mesmo a porta do Eldorado bem aberta para às produções importantes do seu tempo, por isso volta as prateleiras com as benesses do Governo do Estado do Amazonas através da Secretaria da Cultura, Turismo e desporto nestas edições que chegam às escolas e bibliotecas mais distantes, despertando o interesse pela literatura e cobrindo lacunas ainda existentes no conhecimento.

Róberio Braga

equador

O destino de **equador** é trabalhar na preparação da consciencia nacional.

Incurvar-se-á no exercicio das forças expressivas da raça. Investigando-as. Interpretando-as.

equador nasceu na hora de sol animadora duma consciencia nova. Baptizou-se com um compromisso de esforço para achar o nosso rythmo. Preoccupa-se com uma mentalidade social e physica absolutamente brasileira. Quer olhar duro para as realidades semi-barbaras do meio. Quer olhar assim: espelhando um sentimento humano sem desacerto de espirito local.

Mas, engraçado! **equador** anda vestido numa forma ecclectica de nacionalismo. Nacionalismo passadista e actualista.

Uma etiqueta passadista viciou a arte

brasileira com extrangeirismos rhetoricos. Está errado. Tão errado como comprehenderem que brasilidade modernista é escrever em cassange o elogio dos logares-communs da nossa paizagem.

NA picada que os renovadores abriram para chegar depressa á independencia esthetica do Brasil fechou o tempo. Um barulho doido de brasilidade subjectiva. Em vez duma energia assimiladora através da liguagem fatalista duma brasilidade objectiva. Estamos a um passo da comprehensão do caracter brasileiro. O diabo é que uns atrapalham os outros numa confusão de symbolos.

MAIS decepcionante ainda... O caminho que vae ter no modernismo está cheinho de escriptores pechotes a brincar os quatro-cantos da imitação. Gente que quer vencer arremedando Mario de Andrade, Alvaro Moreyra, Menotti, Bopp, Oswald, Cassiano, Tasso da Silveira, Ronald. Rapazes sem conceitos proprios do phenomeno da brasilidade.

Agora o pessoal do sul reage para desempecilhar o caminho. Os *antropofagos* paulistas andam numa afoiteza braba a comer tudo quanto é embromador que se veste no couro de onça dum systema esthetico barbaro, jovem só para disfarçar a sua educação classica. E nós não podemos ficar acocorados sem um enthusiasmo fecundo...

... Mas, que culpa temos nós que os iniciados do Rio e de São Paulo collassem errado os valores modernistas!... Emquanto não se esclarece bem quaes são as primeiras e as ultimas paginas do album — cartaz da esthetica nova resolvemos chrismar **equador.**

equador desde este volume é uma publicação bimensal, cujo principal intuito é a confraternidade literaria do norte.

Os escriptores residentes nos diversos Estados equatoriaes são completamente desconhecidos entre si. Falta um meio de publicidade entre elles que os divulgue. Falta-lhes um emprehendimento que os approxime numa cordialidade activa. Até os grandes nomes só

são revelados pela critica ou pela imprensa do sul.

equador vae vulgarizar, por todas as cidades nortistas, as affirmações literarias que, nas mesmas, se evidenciam. Irradiará os respectivos estados de espirito sem incluir nas suas paginas os trabalhos dos seus filhos que estão na metropole occupados na gloria da geração. Uma actividade constructiva que fortaleça mais ainda o sentido da unidade nacional.

ESTA collectanea illustra sobre a diligencia dos intellectuaes amazonenses. Aqui estão os prosadores e os poetas que não podiam ser excluidos. Filhos ou não do Amazonas, mas todos morando no Amazonas e zelando a dignidade espiritual do Amazonas.

Do limite das nossas paginas escaparam pensadores, historiadores, chronistas, poetas mais ou menos dilettantes, e moços a entreluzirem sadios traços mentaes, que noutro ensejo divulgaremos.

Talvez seja sensato explicar... O crite-

rio da compilação deste volume não foi o mesmo dum tal Meleagro... Cremos que neste livro faiscam obras primas de observação, de rythmo, de forma, numa ou noutra pagina, naturalmente sensiveis ao leitor. Porém o nosso cuidado não foi o de harmonizar a materia prima da arte perfeita. Vejam bem. Não nos foi testado o bom gosto do primeiro anthologista grego...

O presente livro é o primeiro da serie que editaremos recortando o panorama literario do norte de hoje. Queremos neste instante, como nos futuros numeros, um instantaneo da mentalidade dum Estado. O nosso intuito é caracterizar nitidamente a intelligencia regional. Vão aqui colligidos os mais diversos temperamentos. Seguem, entestados, os estudiosos e liricos da planicie com os que só se commovem com as letras francêsas; os parnasianos, os classicos com os modernistas. Vão neste tomo até os que pensam que brasilidade e futurismo são a mesma cousa!

Reunimos os escriptos que melhor definem os relativos exitos dos seus escriptores no meio.

APÓS a tarefa documentadora da vitalidade literaria do norte, nesta afflicção dynamica da alma nacional para uma realidade nova, **equador** passará a sahir, regularmente, uma vez por mês.

Nesse tempo seremos conhecidos dos irmãos duma familia mental, cuja raça generosa vive em conflicto com os desvelos absorventes do sol. Já levantámos a cortina duma porção de focos de boa brasilidade. Teremos o subsidio dos scenarios bonitos. E os olhos claros para as imagens fabulosas da phantasia do caboclo.

Então, acompanharemos os confrades do sul e participaremos da visão alada dos mysterios do Paraiso Verde e mais da sabedoria perseverante e simples do homem nortista, sempre amansando a natureza...

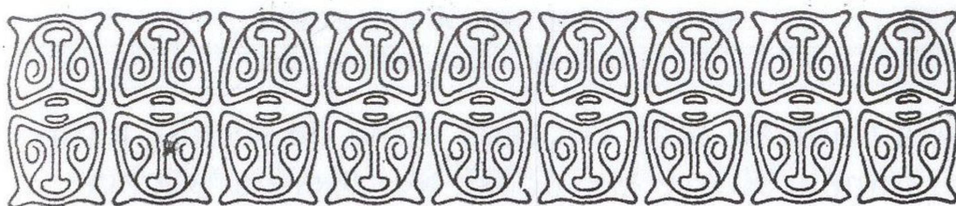
C. B.

Manáos — Porta do Eldorado, Outubro de 1929.

RAYMUNDO MORAES

DO PANDEMONIO
Á
AMAZONIA

A DAVID PERES



A um grande ponto de interrogação sobre a raça que povôa a planicie septentrional do Brasil. Dahi a duvida a respeito do indio amazonico. E' ou não é autoctone? E a suspeita, ao se avançar no caminho civilizado, balanceando chronicões, revendo planos cartographicos, comparando tribus, mais ganha adeptos. Por que? Pelos documentos telluricos, hydrographicos, éthnicos examinados nas faixas terrenas, na corda dos rios, no fundo dos lagos, na sombra das malócas. E, mais do que isso talvez, e sem paradoxo, pelos documentos que não existem concernentes ao incola, como, por exemplo, os do tempo da pedra lascada.

De maneira que alem do sentido scientifico, envolto em mil pormenores tectonicos, stratigraphicos, paleontologicos, os signaes indecisos e vagos da trilha do selvagem, confirmados no recorte de uma arte egressa de paiz mysterioso, arrastam os especialistas a procurar-lhe a patria nos mais perdidos recantos da terra. Quem reconstruir,

pela tradição oral, em cada volta de seculo, a physionomia alegre da nossa verdoenga planicie, e tiver ainda a paciencia de sommar ao plano topographico os rudimentos esthéticos do aborigene, entrevistos no seu trabalho gravado, pintado, esculpido e moldado, suspende-lhe a ponta do veu historico.

E' verdade que a descoberta de esqueletos nas grutas da Lagôa Santa, em Minas, por esse grande naturalista que se chamava Lund, modificou muito o conceito ethnographico que até então corria. E, em vez daquella visada retrospectiva dos sabios, que perfiguraram o povoamento do Novo Mundo no jorro dúma corrente migratoria partida da Asia, pelo estreito de Behring, enfiando as tres Americas, começou a surgir a idéa dum typo brasilico, de berço amerindio. Minas, porém, demora muito longe; e entre a ondulação amena e pittoresca de seus *araxás* e a planura verde e luminosa do Equador, estende-se larga distancia. Além disso ha que levar em conta, para o balanço de provas, a differença sensivel na formação dos terrenos: velhos os de lá, matriarchas do globo; novos os nossos, levantados quasi sob as vistas destas gerações. Se, pois, existe alli a identidade do autoctone, nesta plaga ninguem a encontra.

E tanto é assim que, á proporção que se rebuscam os vestigios do indio primitivo na ampla arena equinoccial, mais se accentua a convicção

de que elle não é originario daqui. Mesmo que a sua pisada fosse antiga e o seu rastro profundo, a face moça da gleba lhe desmentiria os signaes. Porque o seio fôfo das rechãs, a toalha errante dos alluviões, a varzea mal segura da humida e esmeraldina esplanada, são destes dias. Os geologos argutos, ao determinarem a idade das corôas, dos travessões, dos tesos, dos barrancos, constatam isso. Todo o relêvo do solo, na superposição cyclica dum levantamento constante, revela a dynamica surda nos seculos mais proximos. Terra contemporanea, frouxa, labor erosivo dos caudaes, cado assalto de enchente que lhe modifica a estructura, degradando-a e regenerando-a no talude que se abate e na restinga que se ergue, apaga um friso, engrossa uma plissura, desfaz um coculo.

Foi essa alternativa perenne que gerou, pelo sedimento depositado nas orlas de sotavento do farelhão de Marajó, o tumulto momentaneo nas perspectivas raciaes. Resto minusculo da aldrava que retinha fechando pelo oriente a lympha mediterranea emparedada com o aflorar dos Andes — a insula marajoára daquelles idos, perdida na amplidão do golfo que se rasgára, metamorphoseou-se na ilha formidavel dagora. E' o delta da grande corda fluvia que, em vez de se lançar no Atlantico, incorpora-se-lhe ás fimbrias do poente, ten-

tando ligal-a á margem opposta da bacia num rascunho de peninsula.

Mal repontando dos pelagos sob o charão das nymphéas, apontam-n'a, de certo por ter sido o maior nucleo indigena do valle, como *habitat* do autoctone. O absurdo não só é flagrante, mas em desaccordo com a sabedoria da época. Campina insular, encravada nas fauces desse dragão liquido que se chama Amazonas, ella, com toda a immensa planicie, não é mais que a ultima dobra, a derradeira prega na crosta do Planeta. Não pode pois conter no collo, sem o recurso irrisado da phantasia, traços indeleveis do aborigene.

Entretanto, se a geologia segreda alguma cousa de real, mostrando na vasa tecida e levantada por um rio de hontem, como é o Amazonas, a impossibilidade absoluta de alguem ahi ter vivido em éras longinquas — o trabalho do selvagem, na pedra e na louça, registando certo grau de adiantamento, denuncia-lhe do mesmo passo a proveniencia alienigena.

De onde veiu? De algum reino encantado? Do Pandemonio? Do Oriente ou do Occidente? Pelo mar, no circuito dos rios pelagicos do Atlantico, commandados pela Gulf-stream, varando a lingua dagua doce que se estende no oceano, ou no circuito das correntes marinhas do Pacifico, puxadas pela Kuro-siwo, transmontando o alvo capuz de neve das cordilheiras andinas? Em que

logar do orbe teria elle descido do seio arboricola, com o filho ás costas, para a lobrega e humida caverna? Qual o instante, qual a hora, qual a coordenada em que surprehendeu, com infinita alegria, o fogo que lhe havia de tostar o alimento e aquecer a lapa escondida no penhasco? Enigma.

O nomadismo do incola, no entanto, concretizado na mudança de pouso, nas idas e vindas irrequietas, na mobilidade constante, caracteristica que lhe fixa e determina o instincto aleatorio — de quem se não radicou ao solo e vive esmando sem rythmo na floresta, nos platós, nos pantanos — define-lhe bem o sangue estrangeiro. E' um adaptado, coagido sem duvida, que se naturalizou premido ante a força e a violencia do inimigo.

Se, todavia, abandonarmos estes argumentos quasi positivos, colhidos no tracto diuturno, para recomeçar, inductiva e deductivamente, o exame nas armas, no fabulario, nos idolos do selvicola, o rastro adventicio avulta, cresce e rasga horizontes muito claros na rota obscura. Principiemos pelos objectos abertos no silex.

Obra lixada, brunida, lustrada, denuncia evidentemente a época da pedra polida. A intelligencia do autor já transpoz a phase inicial dos seus lanzudos antepassados, phase envolta nas brumas e nos gelos, quando o troglódyta carregava o tremendo punhal de chifre de gamo e a

pesada lamina de guerra extrahida das pedreiras, instrumentos de que não ha vestigios na esplanada. Qualquer busca nos sarcóphagos, nas igaçabas, nos potes, nas urnas, nos sambaquis enterrados e abandonados revela-lhe apenas a segunda éra pre-historica, demonstra que o homem errante na Amazonia aqui aportou depois do diluvio. Foi longe do Paraiso Verde que os seus maiores, habitantes das furnas, caçaram o grande urso e o mammuth, a renna e o veado gigante, quando ainda não sabiam domesticar os animaes, e o cão docil e amigo de hoje permanecia feroz e hostil na pelle do lobo.

Mas, se é da rocha utilizada pelo indigena que se lhe extrahem estes significativos attestados contra o nativismo fundamental, é tambem do *folk-lore* e da arte que resultam, com refulgente evidencia, as melhores provas do seu apparecimento subito. Veja-se, ao imperio da propria imaginação do incola, ou, melhor, da propria retentiva, no campo das lendas, a maneira porque elle adapta aos bichos da planicie o fabulario que já trazia na mente, idealizado e criado por outros povos para animaes de outras latitudes. Os mythos do macaco, do veado, da onça, do urubú, da anta, da mucura, da cobra-grande, através de cem peripecias dramaticas, comicas e tragicas, denunciam, com pequenas variantes, modelos alheios.

Os naturalistas que estudaram o assumpto,

os viajantes que peregrinaram em volta do mundo, já os entreviram na China, na India, no Egypto, na Grecia, no Japão, no Canadá, na Italia. São velhos farrapos do anecdotario longinquo lavados e costurados em pittorescas historias da planicie. As figuras theatraes desses quadrinhos, animadas e movidas por Bidpay e Esopo, por Phedro e La Fontaine, transparecem e se agitam na descriptiva amazonica dos pagés e dos tucháuas, das cunhantans e dos curumins. A lenda do jaboty, baseada na theoria solar, como as demais, decorre dos *Védas* e traduz, na allegoria zoologica, phenomenos astronomicos. O jaboty é o Sol, a anta o planeta Venus. Nas peripecias da lucta que travam no conto, um enterrando o outro no solo, o vencido passando na frente do vencedor, o morto afogando o vivo nos crespusculos, avulta a demonstração das trajetorias astraes. O apparecer e desapparecer da Papaceia e da estrella d'Alva nos occasos de verão e nas madrugadas de inverno, as conjuncções de quadratura e de syzygia, os equinoccios, os eclypses, e até os cometas circumdando o orbe em desmesuradas ellipticas, toda a ronda brilhante, emfim, de corpos soltos no espaço, transparece pittorescamente nos animaes dos nossos ingenuos mythos. As maravilhas do ceu, coloridas nos fogos sidereos, descem, no pensamento do invasor, aos symbolos faunisticos e barbaros destas paragens.

Foquemos ainda o selvagem neste cosmo-

rama silvestre. Vivendo ao presente numa natureza sumptuosa, principalmente no que concerne á exuberancia dos bosques, de cujo seio virente as arvores rompem para o alto em zimborios verdes; errando sob festões de lianas, cipós, guirlandas, parasitas, molhos de verdura que se balouçam dos ramos e dos galhos, das forquilhas e dos nodulos; pisando tapetes de gramineas, de trevos, de avencas e samambaias; pescando ao lado dos mururés e das victoria-regias, dos matupás e das algas, das aningas e aturiás; caçando á sombra dos taperebazeiros, das ouranas, das embahubas, dos ingazeiros, dos assahyzeiros inclinados nas ravinas lacustres; imprimindo a cada instante na menina dos olhos o recorte da folhagem, em grypho, em baculo, em estrella, em coração, em leque, em palma, em ventarola, em pluma, em flabello; conhecendo, emfim, pelo contacto perenne, todos os feitios, todos os moldes, todos os talhes botanicos — o indio jamais lançou mão desse thesouro de modelos originaes e lindos da selva para reproduzir, a pincel e a buril, no barro ou no granito, o turbilhão de fórmas harmoniosas e sensacionaes que lhe brotam sob os pés.

Observe-se-lhe no sentimento artistico a nota decorativa de sua obra multifaria de oleiro, e, de parte uma triste folha mirrada, unica, solitaria, e que provavelmente não é amazonica — nenhum ramo, nenhum galho, nenhuma copa, nenhum

charão, nenhum penduculo, nenhum fructo, nenhuma flôr.

E' um indifferente á jangla maravilhosa. Não enxerga a renda chlorophyllada, o lambrequim de esmeralda, o labyrintho de opala, o arabesco jade. A belleza vegetal não o commove. Na Primavera eterna deste novo Jardim das Hesperides, Flora não figura entre as deusas de seu kalendario pantheistico; e nem os fructos de ouro do pomar inegualavel merecem-lhe sequer as honras da reproducção nos motivos ornamentaes. Sua dextra tacteante ás vezes, firme quasi sempre, parece traduzir-lhe apenas, ao revôo da sensibilidade estylistica, o que a visão immemorial guardou na camara escura de seus olhos nostalgicos.

Examinem-se-lhe os enfeites predilectos da sua preciosa concepção ceramista. Em primeiro plano, os caracteres symbolicos. Num alguidar, o T, que corresponde, na leitura dos archeólogos e orientalistas versados em Champollion e Maspero, á cruz argolada dos egypcios, proclamando grandeza, gloria, omnipotencia; num prato, o arachnideo que define a paciencia e a duração; no bojo dum jarro, o olhar quadrilongo, de pestanas em antennas, que representa a perspicacia, o saber, a vista divina; numa tanga feminina, a cruz grega reunindo, marcados de gottas pelos angulos, os pontos cardeaes da rosa dos ventos; numa igaçaba, o reptil, signo da residencia real na montanha; numa

bacia, o muro ameiado, que significa fortificação á beira dagua; num vaso sagrado, o machado exprimindo a força cortante de Deus.

Após esta ligeira sortida allegorica, que Ladislau Netto estuda e compara, num milagre benedictino de archeologia, com identicos signaes mexicanos, chinezes, egypcios e hindús avultam os frisos, os mataimes, as espiraes, as gregas da tatuagem; e, mais para além, as mascaras, as carantonhas, as caretas, as caraças, os carões, as carrancas, as cabeças, os cornos, os bicos, os focinhos, de porco, de macaco, de abutre, de coruja, de serpente, de saurio, em linhas rectas, curvas, quebradas, mistas, lembrando furias mythologicas, zombarias anthropomorphas, monstros allucinantes. Tudo afinal lhe serve ao ornato decorador, ao contorno esculptivo, á silhueta que grava no corpo, menos o assumpto da selva surprehendente, aberto na pompa dionysiaca da hyléa amazonica.

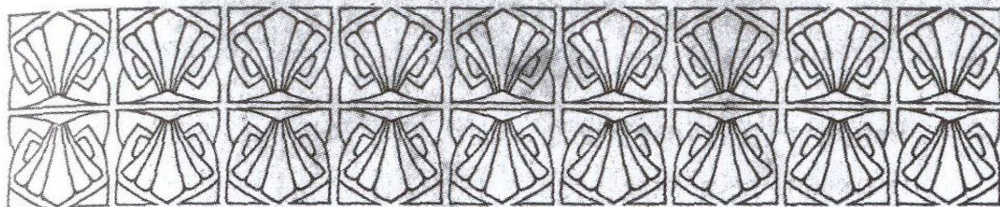
Descobrem-se-lhe nesses pormenores artisticos, estranhos ao ambiente do Equador, a reminiscencia ancestral que lhe agita ainda, no fundo annuviado da memoria, os bichos que não são daqui, as fabulas que desconhecemos, as theogonias recolhidas na fuga. O *folk-lore* e a religião, na melopéa monotona e na reverencia da reza, acompanham-n'o de muito longe. Do despreso pelo ramo e pelo fructo, pela flôr e pela arvore, deduz-

se-lhe a proveniencia do deserto. Da sua singular linguagem de caracteres symbolicos, parece-nos ter vindo de um paiz de adivinhos, de augures e de pythonisas, de sibyllas e de feiticeiras. Do feroz das suas mascaras de narizes de caveira, olhos esbugalhados, boccas arreganhadas, orelhas descommunaes, assalta-nos a idéa de que elle é oriundo desse reino de vampiros, de *troll*, de gnomos, de anões, de duendes—que é o Pandemonio.

(Do *Paiz das Pedras Verdes*).

RAYMUNDO MONTEIRO

CANTO REAL
DO
MADEIRA



De um lado — ameno valle, e do outro lado — ameno
Valle e, sempre, de um lado e do outro lado, ao sol,
O inflammado matiz da floresta — e o sereno
Firmamento a fulgir sobre aspectos de escol!
Euchrómas flores dando as placidas boscagens
Sorpresas de jardins! E o ruflado rumor
Dos passaros a voar em cadencia! E o fragor
Da correnteza contra empecilhos! E — ardente
Esmeralda alumbrando o ouro de um resplendor,
Uma ilhota descendo o rio — bellamente!

Funda, torva, rolando em ondas cor de ceno,
Mal a mal reflectindo os iris do arrebol
E o collo maternal da Noite todo pleno
De medalhas de argento escapas do crisol
Do Céo relembrador de longinquas miragens,
A agua crespa rebole á feição das folhagens
Deslisando, caudal, em rumo ao rugidor
Ruido do largo mar num perpetuo furor
Agitado, onde, rouca, a raiva omnipotente,
Bramindo, satisfaça... E — tufo encantador,
Uma ilhota descendo o rio — bellamente!

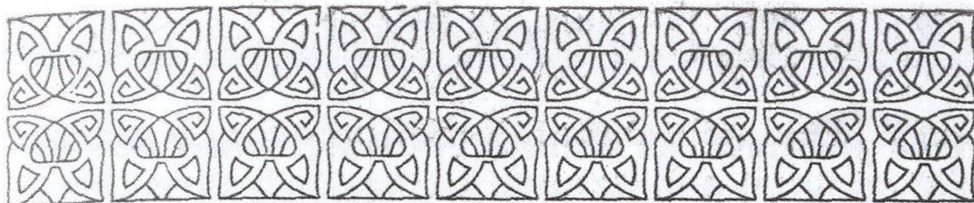
Retumbe e ruja embora — atrevido Sileno —
O trovão, pelo espaço; e o raio o parasol
Do tronco secular do cedro rasgue; o threno
(Óra abafado e vago, óra claro bemol)
Dos ninhos florirá em ansias e plumagens
Quando, tepido e suave, o sopro das aragens
Levemente afagar novos seres e o olor
Das plantas espargir evocações de flor
Pelo seio da Selva — alma da sorprehendente
Paisagem — passará, com fulgido verdor,
Uma ilhota descendo o rio — bellamente!

O temporal retorça arbustos e o veneno
Da bava a serpe cuspa em cima do aranhol
Iriado, e a chuva caia em catadupa, e em seno
Tremulo as lianas do alto escorram; e o pharol
Do dia occulto fique, embora! nas celagens
Negras, no horror do Céo procelloso! As imagens
Das flores aromaes brilham pelo pendor
Dos barrancos com o mesmo insolito esplendor
Enquanto, euclása em fogo, impavida e virente,
Deflue — conscia do seu artistico valor,
Uma ilhota descendo o rio — bellamente!

Timido, recatado, humillimo, pequeno,
O meu estro não pode eternisar-se em prol
Da deusa qne lhe faz, como a sorrir, o aceno
Alliciante da Gloria! — Infeliz caracol,
Deve apenas, de longe, esguardar as romagens

ARAUJO LIMA

O REINO DAS NÁIADES





OPINIÃO critica — precipitada, tumultuosa, claudicante pela deficiencia de analyse e observação — tem oscillado sempre, ao definir a região amazonica, entre os arroubos de exaltado optimismo e os libellos de um pessimismo acre e fulminador. D'ahi, duas definições antinomicas exprimirem, em formulas syntheticas, o radicalismo temerario desses juizos extremados: *Inferno verde* ou *Paraizo verde.*

Nem inferno, nem paraizo.

A enormidade immensuravel, os latifundios inviolados, as impervias terras sem dono, toda essa vastidão territorial illimitada, que dominam selvas espessas e interminas, projecta-se num babylonismo suggestivo, até a mente dos que de longe observam, envolvendo-a na duvida, no mysterio, no terror.

Desse erro de visão atordoada, sobresahem as lendas, as fabulas, as superstições, toda essa trama de percepções erroneas e deformadas, que a ignorancia e o pavor inspirado por taes para-

gens phantasticas entretecem no cerebro dos observadores longinquos e desavisados.

Para quantos ousam palmilhar a região, se não já um erro de visão, certamente um disturbio perceptivo se processa, á excitação do *tonus* da vida hyperactiva, exagerada, hypertrophica, com que toda natureza ambiente envolve os sentidos e domina-os.

Por isso ficam os forasteiros perplexos ante o esplendor da natureza opulenta e grandiosa, que se esboça nas linhas imprecisas, mal definidas, fugidias da paysagem em seu conjuncto panoramico. E irrompe a explosão lyrica, inspirada pela fascinação do colorido ardente, gerando um surperlativismo contagioso, emphatico, rhetorico, que contamina quasi todos os descriptores destes scenarios.

Em sã verdade, a região é mal vista, pouco conhecida, erroneamente interpretada. Persiste indecifravel, mas desastradamente deturpada na significação de sua essencia, de seus attributos, de seus recursos. Evidencia-se, porém, á claridade meridiana, que ella é lidimamente compativel com a vida humana, dotada de prodigioso poder assimilador sobre o homem, a ella accommodado por um mechanismo de adaptação espontaneo, mau grado as asperezas, as rugosidades, as cruezas de uma natureza virgem, inculta e bravia.

Com a insciencia acerca do *meio*, paira na con-

sciencia dos criticos uma ainda mais nociva ignorancia acerca do *homem.* E na qualificação summaria dos dois factores, em synthese historico-philosophica correlacionados pela noção seductora, fascinadoramente empolgante da anthropogeographia, um postulado incontrovertivel divulgou-se, ao consenso quasi unanime dos sentenciadores apressados, em detrimento do agente racial focalizado: A' magnitude da natureza contrapõe-se, humilhante, a pequenez humana.

A riqueza, a opulencia, a exuberancia da terra são interpretadas como expressões de uma natureza prodiga, perdularia, accessivel a quantos lhe pretendam arrancar recursos de vida, para comparticiparem de tão apregoada fartura. E á fecundidade dissipadora oppôr-se-ia — na interpretação de taes criticos — a insignificancia da capacidade humana, precaria, exigua, periclitante.

A terra é farta, mas difficilmente penetravel, quasi fechada ao homem; opulenta, mas barbara; uberrima, mas não dadivosa. E' riquissima, mas avara.

A floresta virgem e bruta — a *selva selvaggia* — é o theatro de uma vida hypertensa, febril, estrepitosa, em cujo turbilhão se debatem as especies mais variadas e mais abundantes.

Imperam ali, no intrincado de exemplares vegetaes entretecidos em labyrintho quasi fechado,

os concurrentes ferozes de uma lucta cruel de morte, cujo symbolo dramatico encarna o *apuhyseiro* lendario, titanica allegoria a ostentar impudicamente os braços tentaculares, que estrangulam magestosos troncos seculares e acolhedores.

A matta, a avaliar por sua physionomia propriamente botanica, é um mundo florestal em pleno superpovoamento, incrementado pelos factores extrinsecos, causaes de sua pujança e de sua aggressividade, qual a temperatura e a humidade, a prevalecerem sobre um solo eternamente humoso por acção fertilizante da bacia potamica, em fluctuações periodicas e rythmadas.

Nessas terras perennemente humedecidas pelas infiltrações do oceano de agua doce que as banha, as formações hydrophilas implantaram o seu paraizo.

E' o reino das *Náiades*, personificações dyonisiacas com que a evocação pantheista de Martius poetizou as especies primaciaes da flora amazonica, para dar á natureza selvatica o perfume suave dos mythos hellenos, com as creações fabulosas, filhas de Zeus, moradoras nas florestas magnificas; *nymphas* de belleza resplandescente a brilhar no espelho dos lagos e das fontes, que repousam nas campinas verdejantes ou deslizam na corrente murmurosa dos regatos, correndo por sobre os petreos leitos de rochedos.

São as mattas virgens typicas dos grandes valles, nas quaes preponderam as hydrophilas, em excessiva riqueza de especies vegetaes, formando os bosques sombrios, soturnos, mysteriosos, nos terrenos alagadiços e brejosos.

Ahi é a vegetação entrelaçada tão bastamente densa, que arma contra o homem uma trincheira difficilmente expugnavel. O copado do arvoredo é compacto pelo emmaranhamento dos ramos de umas ás outras arvores. As lianas innumeraveis, sarmentosas ou trepadeiras, reforçam esse tecido dos bosques. Taes cipós, de caules ás vezes extremamente grossos, são liames que ainda mais estreitam e adensam esse entrelaçamento. As epiphytas abundam. As parasitas se alastram invasoramente. E todas essas plantas, na mais caracteristica e desenfreada lucta pela vida sobre um solo botanicamente superpovoado, armam uma tessitura infrangivel, que torna espesso, hermetico, cerrado, quasi impenetravel o sub-bosque no seio da floresta.

E' a selva primitiva, rustica, selvagem, numa orgia de vida desordenada, estuante de força bravia, sem methodo nem disciplina, ameaçando o homem, que se lhe aproxima, com a brutalidade da desproporção.

Offerece ella uma resistencia perenne, em defensiva aggressora, montada por incomputaveis plantas solidarizadas contra a invasão humana, a

penetração humana, a destruição humana e civilizadora. . .

E completam esse tremendo apparelhamento de defesa, em attitude offensiva permanente, milhões de insectos aggressores e vulnerantes.

O homem só, escoteiro, sem guia; sem saúde nem cultura; sem defesa nem protecção; sem preparo nem prévio trabalho adaptativo, o homem do Amazonas campeia naquelle scenario como um gigante, inconsciente de sua bravura, a afrontar e a vencer a natureza hostil e aggressiva.

Foi o violador de um mysterio geographico; foi o desvirginador dessas mattas sombrias; foi o decifrador do enygma em que a natureza dissimulou os riscos mais temiveis sob a apparencia imponente e magestosa da mais fascinadora obra da creação.

Assim, pois, define-se a juxtaposição dos contrastes:

A natureza primitiva da planicie amazonica, pelo encanto lendario das suas selvas e apparato oceanico de suas aguas fluviaes, tem sido motivo esthetico fartamente explorado pelos versadores da apressada e infiel litteratura de viagens. E' uma divindade ante cujo altar todos os thuribularios reverentes se inclinam, ungidos de contricção religiosa.

O homem do Amazonas traz o estigma avil-

tador que o obscurece na qualificação ethnologica brasileira. E' um anathematizado: indigno da grandeza da terra que lhe coube. Assignala-se, nos quadros da anthropologia social, como um padrão negativo, eliminavel, se não eliminado, das perspectivas previsiveis no evolver das sociedades humanas.

Na obra reaccionaria de rehabilitação que se vem operando, no seio das *élites* brasileiras, contra as condemnações pretensamente propheticas de Buckle ou de Gobineau, resta apenas, regenerada a nacionalidade pela contradicta dos homens e dos feitos, só ao homem amazonico o aviltamento daquella maldição. Mas, ainda dentro nesta Amazonia malsinada, já se vae o homem do nordeste libertando do estigma de incapacidade, de inviabilidade ethnica, de inassimilabilidade civilizadora. E' que a obra de infiltração nordestina no valle septentrional, como episodio quasi épico de uma colonização incrivelmente temeraria, já rehabilitou o *cearense* — o caboclo do nordeste, emfim —, integrado agora numa physionomia herculea, que notabilizaria qualquer raça e qualquer feito.

Resta o labéo sobre o amazonense, o CABOCLO... Perdura o erro anthropologico, sociologico e historico. A inaptidão aos habitos de progresso e civilização, que lhe attribuem, continúa arrolada

entre as fatalidades ethnicas que envilecem certas raças, compulsoriamente excluidas do convivio da civilização.

O hereditario preconceito classico, a deformar uma visão mental já de si defeituosa, creou no consenso critico e scientifico a irrecorrivel sentença opprobiosa contra o caboclo amazonico.

Debalde convergem de ha muito as tendencias dos anthropologistas e sociologos para contrapôrem o conceito de nacionalidade ao de raça; a nossa ascendencia no que entende aos incolas ainda influe, sobre a mentalidade dos nossos estudiosos, no sentido de attribuirem ao nosso homem uma fatal e incuravel inadaptabilidade ao progresso e á civilização.

A superstição é antiquada. Até a época em que o imperador Mutusahito, com a educação de seu povo, conseguiu o milagre da transformação do Japão em menos de meio seculo, espiritos bem intencionados, mas ingenuos, deixavam-se dominar pela noção anatomica da caracterização mental das raças.

Erro quasi velho, verdade já não muito nova, desarvorado jaz o criterio dessa decadente theoria biologica, ethnographica e social.

Sobre todas as influencias — mesologicas e intrinsecas — na caracterização, differenciação e aperfeiçoamento das raças, só uma prevalece irre-

futavel: a psychologica. Dominam-se pela intelligencia os factores anatomicos, ethnicos, atavicos.

A cultura differencia as raças em superiores e inferiores, o que vale dizer em cultas e incultas.

A civilização, summaria e pratica expressão da cultura moderna no dominio mental e industrial, resolveu o secular problema das raças.

O intercambio mundial, pela reciprocidade de influencia das sociedades mais distantes, irá apagando cada vez mais as caracteristicas differenciaes dos povos. Uma uniformização tende a produzir a unidade humana, numa formula social muito mais sustentavel e flagrante do que a anthropologica, de Quatrefages a Darwin.

A' luz da doutrina emancipada dos prejuizos escolasticos, o indigena é no Amazonas tão infiltravel á impregnação civilizadora como quaesquer outros nativos alhures. No campo da evidenciação pratica, o *caboclo* amazonico é capaz dos mais arrojados feitos em face da natureza, dentro da qual se desenvolve afrontando-a galhardamente. Essa capacidade não se presuma apenas uma potencialidade de suas acções: alguns a evidenciam na coragem, na intrepidez, na audacia tanta vez demonstradas e emparelhaveis dignamente ás apregoadas qualidades da bravura nordestina dentro neste meio aspero e bravio.

Essa virtualidade é o segredo de uma dis-

farçada reserva de nobres attributos mal suspeitados. Falta-lhes, aos amazonicos natos, aos caboclos malsinados, o contacto civilizador, o exemplo, a imitação, o exercicio, a instrucção, a educação mental, a civilização, em uma palavra.

A idéa — o mero factor psychologico — subverte taras, retempera caracteres, desvia tendencias, amolda musculos e disciplina nervos. Novas idéas — idéas directrizes —, ideaes novos — aspirações despertadas e nobres de grandeza — terão condemnado á definitiva eliminação os caracteristicos raciaes gizados nas medidas dos ossos, no chromatismo das pigmentações cutaneas, no aspecto das formações pillosas.

E á morte do preconceito de raça succederá a decadencia do preconceito geographico, ao menos na sua cega e rija systematização.

Prevalecerá a noção historica no transcurso da evolução das sociedades humanas. As raças não são immutaveis, não são inamolgaveis, não são irreductiveis. Guia-as o agente civilizador que faz povos laboriosos, instruidos e progressistas, ou sejam as sociedades integralmente cultas e civilizadas, independentemente de caracteres raciaes exclusivos.

* * *

Si em estado potencial dormem energias capazes de animar os attributos reclamados ao

homem do Amazonas, é que o incola jaz ahi em uma condição ainda bem divorciada da hygidez que devêra ser lograda.

A indolencia lendaria do caboclo foi, ha muito, identificada como uma manifestação morbida, por que repercute, no dominio cerebral — volitivo e perceptivo —, a espoliação sanguinea trabalhada por parasitas que infestam as populações ruraes. E' uma consequencia do empobrecimento que affecta a economia organica, correlato á anemia verminosa, á classica *hypohemia intertropical* dos pathologistas de cerca de meio seculo atraz.

A essa acção reductora do equilibrio hematico, allia-se funestamente a influencia dissolvente exercida pelo hematozoario da malaria sobre o sangue.

São concausas bem definidas e solidamente firmadas. Mas resta denunciar um factor maximo da insufficiencia manifesta em que se sitúa a inferioridade physiologica do homem nativo do Amazonas: a carencia alimentar.

Ha, pois, mais uma causa, e gravissima, por arrolar na complexa ethiologia dessa inercia desabonadora, dessa incapacidade de trabalho que tanto tem deprimido moralmente o homem amazonico, tornando-o uma vil e problematica expressão ethnographica: é o *deficit* nutritivo.

O cabloco não é um anormal; é, em verdade, um homem anormalizado.

Elle atrophia a sua actividade de trabalho, entorpece a sua vontade, reduz até quasi á nullidade o seu potencial energetico, entibia a aptidão ao esforço material e mental, annulla o seu valor economico e social, por força de uma insufficiencia alimentar, que, secundada pela dupla dystrophia plasmodio-verminosa em cumplicidade com a intoxicação alcoolica, não pode deixar de ser inculcada como um dos factores determinantes de sua actual inferioridade physica, intellectual e social.

A parcimonia alimentar dos nossos caboclos reduz, num parallelo que se impõe, o merito da sobriedade japoneza: o nipponico come pouco, mas fal-o regularmente; o nosso caboclo, que é capaz de comer despropositadameute, em geral come pouco e irregularmente, interrompidamente, jejuando por dias e semanas. Um *chibé,* que tem por base a farinha d'agua — sendo esta um producto da mandioca muito pobre de vitaminas — constitue muitas vezes o alimento exclusivo dum homem nas vinte e quatro horas.

Individuos ha que passam dias e dias consecutivos nesse regimen, ou noutro equivalentemente sobrio, deficientissimo para os dispendios organicos.

Observações que colhi directamente, pessoalmente, em certas regiões do Baixo-Amazonas (Lago do Andirá, por exemplo) autorizam-me a attestar que trabalhadores de certa plantação de

algodão (Granja Céres) limitavam-se durante dias seguidos á ingestão de um singelo *mingáo* de arroz, que ao amanhecer fazia distribuir, após a chamada do pessoal, o gerente da propriedade. Contemplados em sua ração, escapavam-se muitos delles pela meia luz protectora do crepusculo matinal e recolhiam-se ás rêdes, em suas barracas mais ou menos distantes, para só reapparecerem ao alvorecer do dia seguinte.

A inopia de recursos em que se immobilizavam taes individuos; a falta de um estabelecimento commercial que os abastecesse — nem mesmo um simples regatão — na hypothese de alcançarem raros vintens; pelas informações fidedignas colhidas entre outros que lhes conheciam as precarias condições, tudo levava a reconhecer que aquella gente, no seio remansoso de uma inercia improductiva e parasitaria, mantinha-se num regimen quasi absoluto de jejum alimentar.

Perquirindo da capacidade de trabalho dessa gente tão mal e tão irregularmente nutrida, recolhi dados instructivos, de alta significação, que illustram o estudo do assumpto de maneira convincente e demonstrativa.

Pela precitada propriedade, em que se levava a effeito uma plantação de algodão, numa área de cerca de 150 hectares de terra, transitaram durante perto de 20 mezes 429 trabalhadores, todos homens filhos da região, que produziram

17.680 dias de trabalho util, ou sejam 41 dias para cada um, o que representa, em media global, pouco mais de 2 dias (2 $^1/_4$), por mez, para cada homem!

Esta estatistica vale por uma documentação impressionante, symptomatica da instabilidade mechanica do homem daquellas paragens. Rendimento instavel do trabalhador, descontinuidade do mechanismo de sua acção — são symptomas de uma deficiencia organica, physiologica, constitucional, em funcção da carencia alimentar, habitual e quasi systematica, que gera uma avitaminose consuetudinaria.

Essa abstinencia, *in-totum* ou parcial, essa frugalidade, essa resistencia ao jejum é observação de todos quantos lidam com os nativos amazonicos; mas ainda não fôra interpretada como um dos agentes da decantada indolencia do homem destas paragens.

Ha nelle um *deficit* nutritivo, organico, psychologico, cujo *substractum* physiopathologico é a miseria alimentar. Porque das mais rudimentares ás maximas manifestações vitaes, da inicial irritabilidade protoplasmica ás transcendentes operações mentaes, todo phenomeno biologico é essencialmente, antes de tudo, um phenomeno de assimilação, de nutrição, de metabolismo.

Ao sangue, na vehiculação dos principios alimentares assimilaveis, cabe a tarefa de vitalizar

os tecidos; e o chamado *sôro physiologico,* que se reduz a uma simples solução mineral de chloreto de sodio n'agua esterilizada, restitue ao cerebro, exgottado por uma hemorrhagia, as nobilissimas faculdades psychicas, que são as mais altas na hierarchia funccional.

Da verdade que nos ensina não poder ser a machina viva identificada cegamente a um motor thermico, não devemos pretender negar a realidade, na natureza, das leis de energetica animal.

A hydraulica sanguinea assegura o grande cyclo circulatorio, em virtude do qual o plasma intersticial pode carrear os principios alimentares, cuja combustão intra-organica assegura a producção da energia calorifica, apta a transformar-se em energia mechanica.

A energia, que se desenvolve no seio do organismo animal, só provem da alimentação.

O alimento é a energia, é o calor animal, é o trabalho mechanico, é o movimento muscular; mas é tambem a idéa, a vontade, a acção.

Si o caboclo é indolente, é inerte, é apathico; si não tem actividade, nem iniciativa, nem aptidão para o trabalho, é porque se nutre mal, assimila insufficientemente, realiza um regimen alimentar deficitario, do qual resulta um comprommettimento de metabolismo, que inhabilita o seu organismo para os insuppriveis recursos reclamados pelo

exercicio pleno das mais amplas funcções da economia humana.

Na tentativa de decifrar a incognita em que se nos encobre a causa da condição perennemente anormal do elemento indigena amazonense, uma demonstração por si mesma se impõe á luz da observação e da doutrina scientifica contemporanea: não depende de factores climaticos nem ethnicos a apregoada inferioridade organica desta gente do famoso valle amazonico.

Esse estado de inferioridade organica, de menor resistencia, ás vezes de fallencia physiologica declarada, tem a sua facil elucidação ao exame dos factores que, num complexo global, convergem para essa anormalidade, já tornada uma condição habitual, paradoxalmente normal.

São os agentes pathologicos que as endemias reinantes — palustre e uncinariotica — eternizam e alastram, em acção impune e persistentemente malfazeja; é a intoxicação alcoolica insanavel — flagello de todas as regiões e de todos os povos — que não pode escapar á condemnação como um dos elementos responsaveis por essa derrota; são, afinal, fundamentalmente, a irregularidade e a deficiencia alimenticias, a obstarem o rythmo com que se deve processar o chimismo metabolico.

Taes factores componentes — positivos al-

guns, negativos outros — modelam o traje doentio em que se investe o caboclo amazonico, integrando-o nessa funcção de anormal, em situação permanente, pode-se dizer definitiva e apparentemente physiologica.

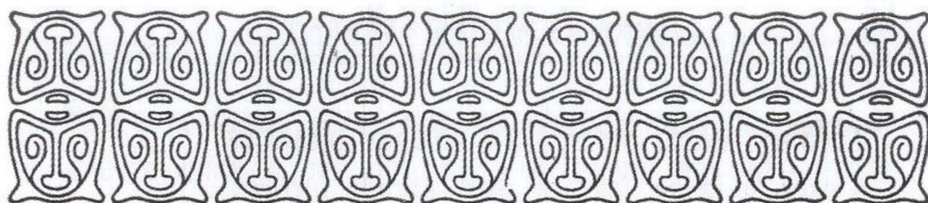
A incultura mental, expressa e analysada em linhas precedentes, explicaria por si mesma a inferioridade social do homem nativo do Amazonas, por um phenomeno de segregação da sociedade, que o subtrahe á lei biologica e social da imitação; a incultura physica, a depreciação do organismo, a sua morbidez quasi permanente complica e dilata os prejuizos dessa desvalorização.

Instrucção e hygiene; educação e saneamento têm de ser os recursos transformadores de uma raça que se está desacreditando, á revelia da orientação e da assistencia protectoras, precisamente na idade de oiro da cultura da especie.

Não estão em causa seres anthropologicamente inferiores e incapazes. Trata-se, em realidade, de um facto historico, de um estadio inferior de cultura physica e intellectual, de um recúo, na marcha civilizadora, de uma sociedada humana Nem fatalidade ethnica, nem fatalidade geographica. Accidente sanavel, gerado por influencias desviaveis, a civilização fará a sua obra restauradora, removendo-o e assignalando no seio dessa gente um momento de esplendor da sua evolução historica. (Do livro « *O reino das Náiades* »).

ALVARO MAIA

SOBRE AS AGUAS BARRENTAS



Sob o sol fugitivo, a tarde prisioneira
abre á invasão da noite as aguas do Madeira...
Calor de Agosto. O vento encrespa o sorvedouro,
que embala ao vento langue as lentas ondas de ouro...

— Rema, canoeiro amigo! A noite se avisinha.
Não risca o espaço escuro uma aza de andorinha...
Deixa o barco fugir á flôr da correnteza,
e apresta as ferreas mãos com vigor e presteza...
Ha quem te espere ansiosa, entre as portas da casa,
mostrando á bocca em sangue um sorriso de brasa...

O sol filtra na queda o derradeiro feixe...
O nosso barco investe e corre como um peixe,
óra em quieto remanso, óra na maresia,
por entre a escuridão da matta fugidia...

Recurvo, o corpo de aço excandece e trabalha,
mas a idéa repousa á janella de palha,
onde um rosto amanhece, e um corpo alvoroçado
é um maduro pomar, onde cresce o peccado...

Tudo em nosso redor é um solenne incentivo
a esse beijo de fogo, a esse abraço furtivo:
o vento, que te afaga, enchendo-te de frio,
este encanto, esta noite, esta scena, este rio,
tudo é um riso immaturo, uma caricia calma
que se lançam do ceu sobre as miserias da alma.

Ao rever a ampla selva em que folguei menino,
sinto meu coração fundir-se em bronzeo sino,
como si a terra fosse uma igreja, uma aurora,
e o meu corpo em delirio uma torre sonora...
A's illusões da infancia, a minha vida accorda;
cada sentido é a força e cada nervo é a corda,
que me levam no rio,—aurea flôr de bubuia,
na estranha languidez de uma branda alleluia...

A alegria luarísa o sonho...
E o sino canta
ante a consolação desta harmonia santa...
Ajoelho em pensamento, entrecruzando os braços,
para beber num sorvo as selvas e os espaços...

Insculpo em meu olhar, recolho nos ouvidos
tantos quadros da Vida em vidas repartidos...
Longas praias sem termo, onde alvejam gaivotas,
bosque em côres aberto e rio aberto em notas,
arvores de São João, sumahumeiras em prece,
doces recordações que nunca a fronte esquece,
heis de embutir um dia, entre a lembrança rude,
na prata da velhice o ouro da juventude...

Sois o romance, a voz, que nos vêm, de repente,
a uma valsa, a um perfume, a uma vista, em que a gente
ouve, abraça, recorda a trindade bemdita,
a mãe, a noiva, a irmã, em doçura infinita...

Vivei, entrae em mim! Quero, tempos afóra,
sentir-vos a vibrar, como vos sinto agora,
onde me surge a magua, onde me leve o sonho,
imagens maternaes de meu berço risonho!

Mais distante, á distancia, onde a caudal não dorme,
desliza um batelão vagaroso e disforme...
Hercules semi-nús luctam, batendo a voga,
e a espuma, em revulsão sob os remos que afoga,
confunde a queixa humana ao rumor de fadigas
da embarcação que lembra as galeras antigas...

Homens, ó meus irmãos, ó párias que ahi dentro ides,
em dolentes canções para a dor de outras lides,
que buscaes e quereis, nesse destino obscuro,
despidos de ambição, cegos para o futuro?
Nada! Mas, na floresta onde as hordas selvagens
viam palcos de guerra ao verdor das ramagens,
traçais a nova estrada, ergueis o mundo novo,
por onde ha de rolar em marcha um grande povo...

Os dias, que passais em conquistas e arrojos,
viverão dentro em nós, cantarão nos rebojos,
como o sangue brutal destas barrentas veias,
como o suave dulçor destas fulvas areias...

Rema, canoeiro amigo! O vago céu escorre
uma toalha de breu sobre a tarde que morre...
Estas margens azues são muralhas de fumo,
— muros de sombra e medo em que vamos sem rumo...

Tudo apavora, tudo assusta, tudo assombra,
nesta hora de refrega entre o sol-morto e a sombra...
Ha bruxedos de anões sobre as luras do charco,
louras yaras trovando á passagem do barco...

Boia, monstruoso, á prôa, o balseiro de uma ilha...

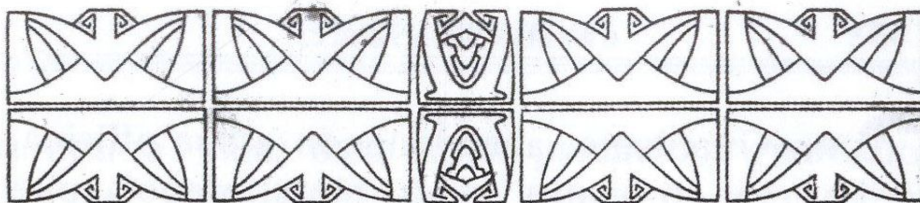
Mas, em cima, o bando irial das estrellas fervilha...
Erra o bosque em perfume. Ha boccas nos barrancos,
e o lindo luar, nascente, esparge lirios brancos...

A noite augmenta o espasmo em que nos debatemos,
ouvindo no silencio o chapinhar dos remos...

E' a recompensa... E, emquanto idealisas o beijo
da que te espera muda, em pudor e desejo,
eu guardo a immensa voz dessas immensidades
e encho o meu coração de vindouras saudades,
Terra, á mãe, que me déste, em mesma hora dorida,
a luz do amor, o bem do sonho, o pão da vida!

CORIOLANO DURAND
Da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

O GUARIBANO





QUANDO na villa me estabeleci, já o presidio o havia dado á desvergonha. Vivia a emborrachar-se pelas baiúcas enfumaçadas e cuspidas, cara oppilada e rubra, lavrada de sardas côr de ferrugem, cabellos de um ruivo ardente, suados, adheridos á testa e ás temporas, um todo, emfim, de quasi albino, desbriado, cachaceiro.

Entretanto, Pedro Guaribano, filho de velho cearense, que, a par de boas letras, lhe mandara ensinar o officio de marceneiro, fôra homem honrado, respeitavel, temido — não pelo choque fulminante de seus pulsos, nem pelo impetuoso desabrimento de sua indole, que era velludosa — mas pela força imperativa das suas virtudes. Todos os preconceitos com que a nossa desconnexa moral argamassa a honra, elle os cultivava com o ritual da mais intolerante rigidez.

Como a natureza, que gera e devora os proprios filhos, assim a sociedade, que o fizera homem, transformara-o em porco — mãe saturnia, que, após a mysteriosa tortura da maternidade, se mune da enxada inhumadora do coveiro.

PEDRO Guaribano, abandonando a sua officina, partira para o matto, dous mezes depois que Firmino Marique o esbofeteara e fugira á provavel sanha do seu punhal.

Com o desapparecimento do ardor physico da injuria, desvanecera-se-lhe tambem a ira, do aspecto exterior. Seis dias foram esquecimento do bofète movido a alcool.

Entraram de fital-o com olhos frios, fugitivos. Olhava-os a todos de esguêlha, um pobre sorriso envergonhado por traz do bigode fulvo, que mal encobria a descorada cicatriz da brécha que no labio lhe rasgara o bofetão de Marique.

Espirraram as chalaças — primeiro, por cautela, visando o pavor de Firmino; depois, a descoberto, alvejando Guaribano, o sangue de barata, que não tomara a desfórra que todos, cheios de tragicas apprehensões, haviam previsto e exigiam da sua honra notoria.

— Ora, seu Guaribano, então você, hein?...

Nas reticencias pingavam todo o virus do sarcasmo.

— Paciencia... elle estava bebedo...

E a sua voz tinha entoação indefinida.

APÓS um mês de receios e alarmas, rodeado de capangas em seu sitio «Bom Retiro», distante do povoado poucas leguas, Firmino Marique, informado da indole mansa de Guaribano,

tornou a villa, mas ainda precavido, guardado por tres «cabras» de olhar inquieto e máu.

Ao entrar nos bilhares do velho Archanjo, esbarrou com Pedro Guaribano, em pé diante delle, a sorrir por baixo do bigode ruivo.

Marique enlividesceu e a cabroeira cercou-os. Encheram-se de ansia os circunstantes, ansia pavida, ante a tragedia sangrenta prestes a brotar do choque entre os dous necessarios inimigos.

Diante dos seus olhares attonitos, Guaribano estendeu-lhe a mão!

—Não vale a pena, Marique...

Firmino fitou-o, olhos incredulos; depois, lentamente, perscrutando-lhe, talvez, secretos intuitos, tomou-lh-'a, sardenta, e apertou-a.

A mão de Guaribano tremia...

Entraram nos bilhares e, entre amigos communs, celebraram aquella imprevisivel, exquisita reconciliação.

Um delles, triscado, grunhiu com a inconveniencia do ebrio, dando palmadinhas carinhosas na mão de Marique:

—Então, Guaribano, apertaste esta, hein?

Guaribano, apontando para ella, cabelluda, deformada no indicador por um panaricio, respondeu, com o copo a trepidar:

—Sim, essa... que me esbofeteou... Que tem isso?

Daquella data em diante, Firmino Marique regularizou as suas vindas semanaes á villa — todos os sabbados.

Dous mêses depois da offensa, Pedro Guaribano partira para o matto, machado ao hombro, terçado á cinta e, nos quadris, á guisa de cinturão, como uma sucurijú domada, seis braças de arpoeira grossa.

Internara-se na floresta cerca de meia hora, tardo, reçumando cançaço moral, a contrastar com o seu corpo eril, de quadris estreitos.

As arapongas estalavam as gargantas metalicas, como se malhassem, rijo, sobre bigornas de aço. Penduravam-se os timbós-titica, escorrendo de grossos galhos de guariúbas, servindo de pontes ás tucandiras negras e venenosas. Ao longe, guaribas, em alarido côral, desatavam estertores cavos. Toda a natureza amazonica, propiciando a genese orgiaca, allucinada das terras equatoriaes, cercava aquelle mundo verde de uma hostilidade pacientemente organizada, tenaz, irrecorrivelmente tenaz. E aquelle homem, que fazia movimentos incoerciveis, como todos os movimentos fecundantes e anniquiladores da natureza, formava corpo com a matta, em toda a bruteza aggressiva da sua impassibilidade.

A' beira da trilha que levava, sinuosa, ao

«Bom Retiro», derribou uma miratinga de grosso caule, toucada dos pingentes de ninhos de japiíns... Descingiu a corda que lhe cintava os flancos e collocou-a enrodilhada sobre o tronco abatido. A seguir, cortou fornida vara de que fez pesado bastão e sentou-se á ourela do caminho, junto a ancestral samaumeira de largas sapopemas, com os afoguedos cabellos premidos entre as mãos descoradas e sardentas.

Uma hora passou assim, parecendo dormir; mas em meio dos sussurros confusos da floresta, o seu espirito fluctuava em modorra...

....

«Simples divergencia de opiniões acidulara «a indole autoritaria de Firmino Marique, que o «insultara, vehemente. Repellira o insulto com «outro e esta mera repulsão movera a bofetada «que lhe partira o beiço... Mas por que, repel-«lindo a offensa moral no mesmo instante em «que o attingira, não revidara tambem a injuria «physica?... Seria a sua tolerancia effeito incon-«testavel dos seus éstos de bondade?»

O urutauhy, anão, empoleirado num taxiseiro, gargalhou, escarninho, a sua diabolica risada de gigante.

«Teria, porventura, medo de Firmino? Re-«conhecia que, após lhe haver fugido a dor do «bofetão, foram-se esmaecendo a pouco e pouco

«as resoluções de desforço, que lhe tumultuavam «no cerebro».

Uma mucura, bebeda, passou catingando, com uma inambú morena presa á dentuça.

«Marique, ao bater-lhe no rosto, tinha a ca- «beça incandescida pelo alcool. Seria licito, sem «vulnerar a rectidão da sua propria consciencia, «inculpal-o da injuria que violentamente lhe ati- «rara?... Não fôra tal circunstancia, que perante «o seu sentimento de justiça attenuava o gros- «seiro impulso de Firmino, a sua vingança — que «seria, antes, castigo — desencadear-se-ia, cedo «ou tarde, mas certa, fatal, como o destino... Mas «porque se sentia envergonhado de si mesmo ao «formular esta dirimente?»

O rio Madeira, a cuja margem se erguia a povoação em que habitava, corria a algumas centenas de metros, eriçado, barrento, carregado de materiaes de sedimentação, para levantamento de novas terras, onde as sementes errantes vinham emendar a floresta no mesmo e constante anseio de cyclopica grandeza. E a nova gleba, submissa a leis immutaveis, cumpria exuberantemente a sua funcção germinativa, rebentando gloriosamente na cabelleira viride das mattas virgens, boleando-as, amaciando-as, como a seios tumidos empinados a eito. Um dia, essa terra pertinazmente colmatada pelo infatigavel, gigantesco operario era arrasada; e a floresta, que nella cobria ninhos,

era carreada de novo, como despojos de triumpho sem gloria, para accumular-se alhures e edificar outro viveiro de caules, flores e fructos, obedecendo á mesma lei inflexivel que o torna surdo, incompassivo, no seu incommensuravel afan de perfeição. . .

« Via-se em desconceito na roda de suas mais «cultuadas amizades, banido das boas graças dos «homens de bem, escorraçado do seu meio social. «Sem os ouvir, adivinhava, no entanto, os com- «mentarios motejadores que se entre-urdiam á «sua passagem. E os dichotes inclementes, que «secundavam os olhares mordazes, graves como «chumbo, dos que eram surdos á voz da justiça— «como o rio impassivel—e lhe atardavam o andar «envergonhado. . . E os ataques de viéz, subre- «pticios, penetrantes como ferrões de cabas, a «entrarem-lhe pelos ouvidos com calafrios de «sezões?. . . e, depois, a censura clara, expressa «em zombarias irreverentes, duras, com que o «saudavam?!. . . Sentiu-se um homem acabado. . . «Depois de haver florescido e fructificado em «filhos e virtudes—pobre terra alluvionica, erigida «pelo rio social, após sedimentação de tantos «annos!—via-se derruido, arrebatado pelo ésto «creador e destruidor da corrente. E queria definir «de modo preciso aquelle sentimento seu de «honra, mas por si só, sem influição de alheios «conceitos; tumulto, porém, de vozes indefinidas

«despersonalizava-lhe a consciencia, turvando-lhe «a mente, empecendo-lhe o raciocinio. Mas, então, «a sua consciencia não lhe pertencia?... Nem «era corpo simples, como o ouro ou o ferro, mas «uma combinação de opiniões estranhas?...»

Num ramo de caiussara, um chico-preto assobiou, dando uma cambalhota histrionica. Já desde muito que elle, com a sua canção de palhaço, lhe embalava os pensares desharmonicos. Um galho secco de abiurana cahiu-lhe sobre a cabeça e o chico preto veio ao chão sem mais piar. Uma tracanga, irada contra outra que se lhe adiantara no aboccanhar a inesperada presa, aggride-a e, junto aos pés de Guaribano, mata-a. A floresta quedou com menos uma tracanga e um chico-preto; e a tracanga vencedora mais a forte abiurana continuaram a vida de antes, sob a frança protectora da matta verde-sombria.

«Poderia haver crime sem intenção crimi- «nosa? E com ella?... Que vem a ser, precisa- «mente, crime? Offensa á sociedade? Desvio «malefico das pautas por ella traçadas? Mas não «foi a sociedade que decretou em suas leis a «honra e a sua defesa ultriz? Será, então, crime «a defesa dessa filha sua, por ella mesma pro- «mulgada? Não foi ella tambem que nos ensinou «a bondade, a complacencia? Como, pois, essa «mesma sociedade lhe cobrava á honesta tole- «rancia gestos de truculencia, que nunca teve

«necessidade de esboçar sequer, para fazer-se «respeitar? Não podia... não podia entendel-a! «Mas.... que vinha ser a sociedade? Que chaos «no seu espirito!... Seriam as suas relações? «Se estas o excluiam do seu ambiente de sym- «pathia, que não faria a parte que o não estimava? «O rio constructor e demolidor... Começara, «então, a sentir dentro em seu eu a cega, reno- «vadora sedimentação a erguer-lhe nova cons- «ciencia, certa condição de necessidade, seme- «lhante á do vicio, de, em obediencia ao reclamo «infrangivel da sociedade, defender a maxima «creatura social — a honra — irrevogalvelmente, «selvagemmente. Era preciso, pois, aggredir, para «se conservar dentro della sem desdouro. Não «lhe bastara ao desaggravo nem a sua bondade, «nem as suas virtudes, nem o seu incomprehen- «dido perdão...»

E, alçando-se, de repente, em assomo, sentiu irreprimivel necessidade de se exculpar... perante quem? e cahiu de joelhos.

—Perdão! murmurou, apenas, para o céu violeta do pôr-do-sol.

NO MEIO dos ameaçadores sussurros da matta, que o sol em descambo enchia de penumbras sinistras e a que as martelladas nervosas das arapongas davam resonancias bronteicas, distinguira Pedro Guaribano, frouxamente rythmados no

solo fôfo, formado de detrictos de folhas fanadas e sacahys apodrecidos, passos de homem.

A floresta ennegrecia com o transmontar do sol, entre papeios segredados de ninhos, gritos estridulos de saguís, lamentos suaves de inambús, e todos os vagos bocejos da natureza somnolenta.

Approximavam-se os passos... Subito, na volta do carreiro surgiu a figura cabocla de Firmino Marique. Vinha só. Desviando-se de uma poça d'agua côr de ambar, namorada do céu, que começava a aprofundar-se em rôxo-paixão, esgueirou-se réz á samaumeira, andou um metro mais e... faltaram-lhe as pernas: pancada certeira derribara-o desarcordado.

Guaribano estava-lhe ao pé, atterradoramente livido.

As folhas seccas, que fervilhavam sob as patas dos insectos e dos espertos jacruarús, estalavam, como crépitos de incendio, debaixo dos pés de Guaribano, erecto, a encarar o corpo immobilizado do seu offensor.

Abaixou-se. Pelos braços arrastou-lhe o corpo amollecido. Acostou-o ao tronco derribado. Com as carnes em convulsão, enlinhou-o á arvore abatida, de braços abertos, como um crucificado.

A mão direita de Firmino, deformada, pelluda, borbulhando suor viscoso e frio, espalmava-

se sobre a casca rugosa do caule, violacea sob o arrôcho implacavel da arpoeira.

Guaribano encostou um dos quadris ao cabo do machado luzente e, amaleitado, parou os olhos quasi inexpressivos sobre o rosto amarellado de Marique.

Nessa postura, espiava, em agonia, a vida, que devia tornar áquelle corpo inerte.

QUANDO Firmino reabriu os olhos, viu diante de si a mascara parada de Guaribano.

—Estás bem acordado?

A voz era-lhe sopro quasi.

Os olhos exorbitados de Marique estavam fascinados pelo rosto trancado de Guaribano, que pigarreou para firmar a voz.

—Marique, flagellaste-me o rosto. Manchaste-me de sangue o bigode e assignalaste-me o beiço com feia cicatriz. Esta marca clamará sempre que, um dia, tu me esbofeteaste. Tenho curtido dentro da pelle os milhões de espinhos que sobre mim desfere o escarneo de todos... Desgraçado emprego déste a tua mão direita, Marique!

Na sua voz havia accentos de queixume.

—Eu estava bebedo, Pedro....

—Mas eu não estava, Firmino. Onde ganhou a tua intemperança o direito de injuriar a minha sobriedade?

A cavalleiro de suas innegaveis virtudes pu-

blicas e privadas, Pedro Guaribano continuou de falar, lastimoso, mas inflexivel:

—Esta cicatriz é o grito perpetuo da tua coragem e a falsa prova da minha covardia.

A sua pupilla enchera-se de livores.

—Mas eu não sou covarde, Marique. Eu poderia matar-te, se o quizesse... estás á mercê do meu facão. Mas não o farei. Deixo-te a vida, para que um dia, talvez, tires a minha.

E, mostrando o machado, a sua voz enferma sentenciou:

—Vou apenas castigar-te, Firmino Marique.

O condemnado mal pôde articular uma prece de perdão.

—Vou gravar em ti o sello da minha honra, o signal-proclama de que te puni. Não rirás de mim sem que de ti eu me ria tambem.

Alteou o busto. As feições estavam-lhe inquietas, como inquieto o olhar, dentro da penumbra rôxo-negra.

E, diante dos olhos vêsgos de terror de Firmino Marique, com o machado de gume largo, de só golpe, decepou-lhe a mão pelo pulso.

Com o grito despedaçado de Marique o sangue saltou num jacto das arterias e a mão cahiu, gottejante ainda, flacida, entre as raizes e folhas mortas, morta como as folhas.

Ao longe, a diluir-se na sombra, as guaribas, stentoricas carpideiras, entoaram as soturnas en-

deixas do seu tremendo côral. E na sombra negra. da matta, a voz de Guaribano, demudada, firme agora falou:

—Com esta já não levantarás o copo, nem fustigarás o rosto de outro homem.

E mostrava ao olhar ennevoado de Marique a mão solta, baça como um ex-voto de cêra.

—Vê se te serves melhor da que ainda te deixo, e lembra-te de que—como eu—ha muitos neste mundo.

E afastou-se, depois de o haver desenlinhado do tronco de supplicio, por entre os rumores dormentes que, pelas ave-marias, enchem de tristeza e de mysterio a floresta amazonica.

Ha muito que Firmino Marique não enxergava nem ouvia.

QUANDO Pedro Guaribano entrou na villa, já as luzes estavam accesas.

Nos bilhares do velho Archanjo achavam-se, como de longo habito, as testemunhas da estranha reconciliação.

Guaribano entrou, silencioso, feições bruscas. Ninguem deu por elle.

Subito, porém, em plena mesa cheia de copos, cahiu alguma coisa que produziu rumor surdo, apagado.

—A mão de Marique!...

Guaribano parou sobre os bebedores gelado

olhar. Depois, dentro do silencio tragico, a sua voz branca:

— Foi a que me esbofeteou.

Fitaram todos, horripillados, aquella mão que fora aggressiva e já nem acarinhadora podia ser, mão pallida, cabelluda, deformada pela cicatriz de um panaricio, molle, morta, aberta, esmolando, quieta, entre os copos vasios.

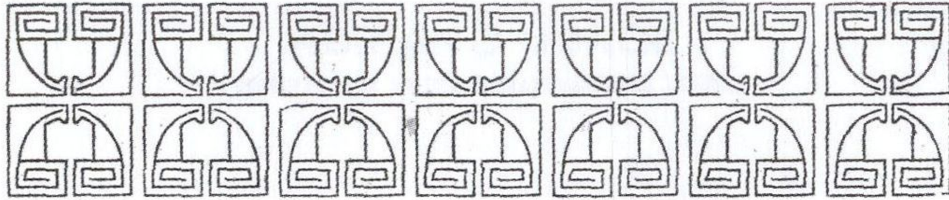
....

ANNOS mais tarde, naquelles mesmos bilhares — já depois de cumprida a pena — Pedro Guaribano, borrachão, desvergonhado, costumava entrar e engrolava, dirigindo-se aos frequentadores abancados:

— Cães!... Não têm coragem de defender os proprios filhos. Covardes!

JONAS DA SILVA

UM SONETO DE 1900
E OUTRO DE 1929



RURAL

Eis-me em sonnos pastor. Esta casa é de palha
Porta e janella ao Sol, fica em frente uma sebe.
E' lá embaixo o regato onde o passaro bebe,
Ampla e verde no azul uma arvore farfalha.

A fumaça do pó da cruenta batalha
Que trava na cidade em lufalufa a plebe
Morre longe d'aqui. Preso a um sorriso de Hebe
Adormeço do luar ao oiro fino em limalha.

Vae commigo, se levo a pastar as ovelhas,
Quando a alvorada rompe em risadas vermelhas,
Alguem que traz no olhar a alegria das uvas.

Não me lembro que exista a desgraça na terra;
Nunca em vida chorei; só me lembro da guerra
Quando escuto na palha os tambores das chuvas.

LAUS DEO

Quando o dia virá da creatura
A vida atravessar sem padecer
E livremente amar sem ser loucura,
Não tirar a existencia a um outro ser?

Mal amanhece e vai-se a noite escura
Ou tinge os céos o suave rosicler
Diz-lhe uma voz imperativa e dura:
Homem, tens que luctar para viver!

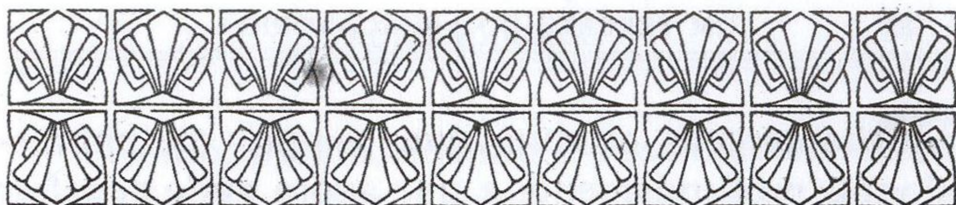
E o que morreu sangrando sobre os pôtros
Nem é lembrado na licção suprema
Em que nos disse: « Amai-vos uns aos outros »...

—Irmãos, o Christo é nosso irmão mais velho!
E o Homem se commoveu na hora extrema
E chorou lendo as folhas do Evangelho...

(Inédito — Agosto de 1929)

ADRIANO JORGE
PRESIDENTE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

UM TERCETO
DO
"PURGATORIO"





Dos poemas eternos, em que floriu radiosamente o genio latino — *A Eneida*, *A Divina Comedia* e *Os Lusiadas* — é a obra tempestuosa de Dante a que mais extaticamente arrebata, a que mais gloriosamente orgulha, a que mais humanamente commove.

Ao lado do pamphletario candente, que soltou, em turbilhão agonico, através dos tercetos do «*Inferno*», sua alma intrepida e sideral, a clamar, no cyclone sonóro de sua tragedia interior, as suas cóleras sagradas, surge, nas duas *cantiche* seguintes — «*Purgatorio*» e «*Paradiso*» — o theologo, o philosopho, o mathematico, o astronomo, o homem formidavel, que condensou em uma Obra de arte — a maior do mundo — toda a Sciencia de seu tempo!

Relendo e estudando — a *Divina Comedia* é para meu espirito uma especie de «*Imitação*», a que, como ao livro de Thomas Kempis, tanta vez recorro nas turbações da alma — o canto I do «*Purgatorio*», deparou-se-me, uma vez ainda

aquelle terceto celebre, que sempre me impressionou profundamente e que agora pude penetrar com ainda maior assombro:

Io mi volsi a man destra, e posi mente
All' altro polo, e vidi quattro stelle
Non viste mai fuor che alla prima gente.

O poeta acaba de exsurgir do Inferno, que a sua prodigiosa phantasia situou no centro da terra, encontrando-se, ao lado de Virgilio, perto do pólo sul, á orla da praia do Purgatorio.

Naquella dolorosa e longa saudade das estrellas, exhalada no derradeiro verso do «Inferno»:

E quindi uscimmo a riveder le stelle,

volve-se religiosamente para o céo, sorri um instante para os lados do Oriente a

Lo bel pianeta che ad amar conforta,

e, voltando o rosto para a direita, isto é, para o sul, vê, *maravilhadamente* para elle, porém *maravilhosamente* para quem o sabe lêr, aquellas

quattro stelle
Non viste mai fuor che alla prima gente.

Que quatro estrellas seriam essas, que Dante, nesse terceto do «*Purgatorio*», figura ver no céo austral?

O *Cruzeiro do Sul?* Para mim, é evidente.

Como, porém, admittir a possibilidade dessa referencia do poeta a uma constellação, de que ninguem ainda, até então, falára e que é invisivel no hemispherio septentrional, não podendo, pois, ter sido nunca vista por Dante?

A astronomia do poeta não podia ser outra que a de Ptolomeu, uma de cujas obras, a denominada *Almagesto* na traducção latina de Trapezuncio, regista um catalogo de mil e vinte e duas estrellas, entre as quaes quinze de primeira grandeza.

Ptolomeu inclúe tres das estrellas do *Cruzeiro do Sul* actual na constellação do *Centauro* — *alpha, beta e delta*, não se referindo á *gamma* — a cabeça da cruz.

Desde Eudoxio, passando por Hipparcho, ha identicas indicações, com a mesma falha, significando isso que, fosse porque fosse, ainda ao tempo de Dante, a ninguem impressionára a configuração de *cruz*, que apresenta a constellação, hoje autonoma, do *Cruzeiro do Sul*, então encorporada á do *Centauro*.

Só em 1500, apparece a primeira referencia ás quatro estrellas em cruz.

Mestre João, piloto de Cabral, em carta escripta a D. Manuel, diz: «...*e estas estrellas principalmente las de* LA CRUS *son grandes casy como las del carro...*»

Em 1514, João de Lisbôa em seu livro *Tra-*

tado da agulha de marear, falla no *Cruzeiro,* que elle deve ter observado em 1506. Consigna elle: «*. . . determinei ffazer decraraçã do* CRUZEIRO *por ver mais largo synall...*».

Logo no anno seguinte, em 1515, Andréa Corsali, navegador florentino ao serviço de Portugal, depois de referir-se ás duas constellações, hoje conhecidas por *Grande e Pequena Nuvem de Magalhães,* a que elle chama *due nugolette,* annuncia: «*... sopra di queste apparisce* UNA CROCE MARAUIGLIOSA...»

Depois, em 1520, Pigafetta, companheiro de Fernão de Magalhães, assignala igualmente o *Cruzeiro.*

Acredito que os portuguêses tenham conhecido esta constellação, desde a viagem de Gil Eannes, em 1433.

Sabe-se, entretanto, que somente nas Cartas celestes publicadas do seculo XVII em deante, começa a ser registado o *Cruzeiro do Sul,* o qual, inaugurado o assombrador cyclo das navegações para o occidente e para o sul, depois da tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, foi familiar aos navegadores da época, devendo sem duvida alguma caber aos portuguêses a prioridade na formação e assignalamento do novo magnifico asterismo.

Dante, porém, escreveu aquelle terceto quasi duzentos annos antes!...

Lê-se, nos *Lusiadas* (canto V — est. 14):

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio, nova estrella
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della.

Essa nova estrella de Camões será a propria constellação do *Cruzeiro do Sul*? Será *gamma*, que elle emfim juntára ás tres primitivas estrellas de Eudoxio, Hipparcho e Ptolomeu, conformando-se dest'arte ás anteriores observações e referencias de mestre João, João de Lisbôa, Andrea Corsali e Pigafetta?

Sinceramente, não me parece que o grande poeta calasse o inevitavel surto, que a imagem da Cruz no Céo lhe inspiraria e apenas se cingisse áquelles quatro versos citados...

Creio antes que Camões se referisse a *Akharnar* — a *Achenard* de Arago — *alpha* do *Eridano*, bellissima estrella de primeira grandeza.

Seja como fôr, parece ficar documentada irrefutavelmente a affirmação de que, ainda nos meiados do seculo XVI, o *Cruzeiro do Sul* não estava admittido como constellação autonoma.

Dir-se-á que tambem Dante não falou na configuração de *cruz*, que ostentam as *quattro stelle*.

Leia-se o tercetto immediato áquelle:

Goder pareva il ciel di lor fiammelle.
O settentrional vedovo sito
Poiché privato sé di mirar quelle!

E' aquelle surto de poesia inspirada, que falhou em Camões.

Dante lamenta o hemispherio septentrional, chamando-lhe *região viuva, pois que não pode vêl-os,* emquanto diz que o céo austral *parecia gozar* daquelle brilho dos quatro astros!

Pouco além, ao encontrar Catão de Utica, á praia do «Purgatorio», diz o poeta:

Li raggi delle quattro luci sante
Fregiavan si la sua faccia di lume,
Ch'io il vedea come il sol fosse davante.

As quatro luzes santas! Por que santas? E por que aquella linda hyperbole: «Os raios das quatro luzes santas lhe esmaltavam a face de tamanho fulgor, que eu o via como se estivesse illuminado pelo sol»?

Nas multiplas referencias astronomicas do poema, não ha, em uma só, semelhante arroubo religioso.

Não tenho, pois, duvida alguma: Dante fala, em 1310 ou 1312, na constellação do *Cruzeiro do Sul!*

Intuição divinatoria? Milagre do genio?

Sou, infelizmente, muito pouco mystico para acceitar taes interpretações. A logica impõe uma explicação unica: — O altissimo poeta conhecia a sciencia astronomica dos arabes, já então, por influencia dos Alfraganus, dos Albumaser, dos Al-

bategnius, superior á de Ptolomeu, senão quantc á concepção geral do Universo, ao menos quantc a mais seguras e acuradas observações do céc austral.

Sabe-se como foi avassalladora, na Afric: septentrional e na Europa meridional, a estupen- da predominancia da cultura arabe, a que : Sciencia deve maravilhosas conquistas.

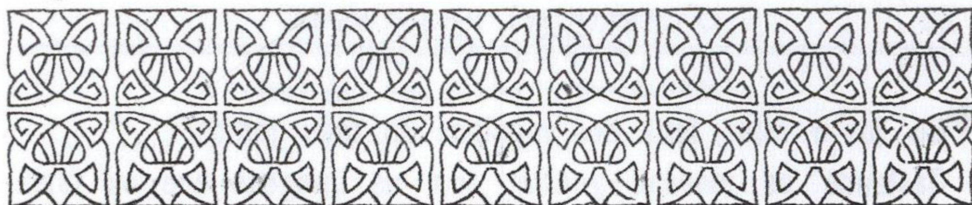
Mercê tambem das viagens ao Oriente, desde o seculo XIII realizadas por genovêses, venezianos pisanos, a lingua dos arabes era conhecida e es- tudada na Italia.

Assim, quando o papa Innocencio IV en- viou, em 1245, ao Khan dos tartaros o francis- cano Carpini, a carta que acreditava o embaixado de Sua Santidade foi escripta em slavo, em tartarc e *em arabe.*

Parece-me, pois, que a evidente referenci: dantesca ao *Cruzeiro do Sul*, absolutamente irre- futavel á luz da critica, tem uma explicação na- tural... se natural é aquella potencialidade de inteligencia, aquella prodigiosa cultura, tal inspira- ção poetica, tal exaltação religiosa — a genialidade o fervor, a sciencia, o extasi biblico, que ateiam aquelle glorioso e tumultuario incendio de cla- mores e lampejos, a lavrar, suave e furente, nas paginas eternas da *Divina Comedia* — se é na- tural esse milagre num unico cerebro de homem !

DA COSTA E SILVA

O CARROUSEL PHANTASMA



Ganhei o dia a meditar na minha vida,
Porque a saudade me levou á longinqua Amarante
Que scisma, talvez por mim, debruçada sobre as aguas
Lentas e somnolentas do Parnahyba que caminha
Para o mar, como eu para o mysterio. . .
Então, num sonho de creança convalescente,
Vem-me á memoria o carrousel que fascinava,
No seu gyro constante, os meninos de minha idade:
Cesario, Luiz, Hollanda... e meus irmãos Nica e Joca,
Na vertigem do carrousel arrebatados tão cedo!

Como o largo da matriz, nas noites de novena,
Meu pensamento se illumina de uma luz suave e doce
Qual a dos balõesinhos pendentes dos arcos verdes,
Festonados de folhagens e frementes de bandeirolas...
E vejo, com os olhos de hoje, ao fundo do largo em festa,
O mesmo carrousel ruidoso, em que brincava outrora,
Rodando... rodando... rodando continuadamente...

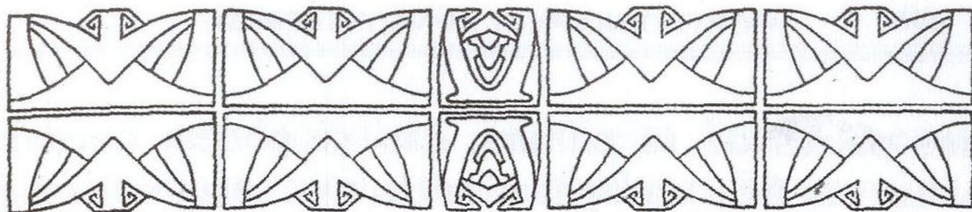
Eu fui o mais feliz dos meninos do meu tempo,
Gastando as moedas ganhas com as imagens que eu fazia
(Ja tinha o dom divino de um creador de imagens)
Para dar voltas e voltas nos cavallos de madeira,
Que galopavam automaticamente, feitos cavallos arabes . . .
Era arrogante e destemido que nem os vaqueiros da minha terra,
Quando galgava o lombo de um desses pegasos sem azas,
Mas nem por sombra imaginava o meu destino de poeta.

O carrousel parou no largo. . . Mas não parou na vida. . .
Continúa em meu sonho rodando. . . rodando sempre. . .
E andando e desandando, num rythmo contradictorio,
Ainda me dá a alegria inevitavel de dar voltas. . .
De gyrar, de rolar como os astros no espaço,
De elevar-me a um destino superior ao do planeta,
Que, em torno da sua orbita, como um symbolo, roda . . .

— Upa ! upa ! meu pensamento !

JOÃO LEDA
AUTOR DO "VOCABULARIO DE RUY BARBOSA"

A ORTHOGRAPHIA
DE
RUY BARBOSA





Os mais intolerantes censores de Ruy Barbosa, vituperando-lhe com rancor as singulares incoherencias, assim nas idéas politicas como nas opiniões juridicas, concedem todavia ao Mestre, com extremada benevolencia e como galardão dos seus immensos serviços ás letras, a mercê de lhe terem a Obra na conta de lidimo padrão da linguagem vernacula, espelho e paradigma de quantos se devotam a estas coisas, já hoje despiciendas, do limpo escrever.

Já tivemos ensejo de clamar no Prefacio dum livro contra a innominavel injustiça dos homens, que despojam Ruy Barbosa dos seus titulos mais legitimos, sob color de se haver elle contradicto com animo voluvel, alijando opiniões que, uma vez enunciadas, deveriam de ser eternas.

O invocar a inconstancia do pensamento, a mutação das idéas pela precisão inflexivel de transigir com os principios victoriosos no momento, com os novos modos de ser da sociedade, com o modernismo das doutrinas e theorias que,

nos paizes de sã cultura, não se podem quedar hirtas em face da dynamica de um seculo focalizador dos maximos problemas sociaes; o invocar que a mudança, sendo da propria natureza, o é inilludivel e fatalmente dos homens, não escapando ao phenomeno até a morte, onde não ha a paralysação absoluta, — desvingou a consideração de argumento sério e incombativel, e dos pergaminhos da actuação mental de Ruy sobre os seus coetaneos eliciaram a cota de innovador do direito constitucional, de creador de doutrinas nunca rastreadas sequer pelos mais penetrantes espiritos, e á sombra das quaes innumeraveis victimas da perseguição e do esbulho se têm abrigado, protectoramente defendidas pela égide dos tribunaes.

E' que as evidencias em nossa terra não valeram nunca senão para o mal. Está na consciencia collectiva que o revolucionario da tribuna e da imprensa tambem o foi do Direito, e que, manejando o alvião contra as tranqueiras do politiquismo para lhes coar nas frinchas um pouco de salubridade moral, trabalhou simultaneamente o mesmo ferro contra as muralhas duma jurisprudencia immutavel, têsa, tetanica, para lhes passar nas brechas as novas concepções num jorro luminoso, que espancou afinal as sombras dos pretorios, como uma gloriosa inundação de sol em selva de subito descerrada. Mas estava escripto

que do revolucionario do direito ficaria apenas uma tradição sympathica, ainda assim consideravelmente diminuida pelas suas incontaveis apostasias. Do cyclope da lingua, sim, ficará tudo: o melhor e o menos bom da soberba construcção, erguida pacientemente no largo dobar de cincoenta annos. Esse o julgamento dos homens, no desvario das suas irritações e dos seus rancores.

Os que se doem de tamanhas injustiças crêem que a posteridade reformará esse aresto, e que as laureas do sobreeminente jurista, semi-crestadas pelo halito da raiva ou da inveja, reviçarão ao calor do affecto dos vindouros, cuja consciencia virá desmaculada da sujeira que ora espirra do turbilhão dos despeitos. Nunca souberam os contemporaneos pesar ouro e fio os meritos dos varões notaveis e benemeritos; é tarefa que pertence ao futuro, e o futuro restituirá a Ruy, intactos, integros, os titulos de que no presente o desvalijam.

Por emquanto, só não se nega o soberano da lingua; fiquemos, pois, só com o grande obreiro.

Quem sabe se não lhe seria essa até a mais grata das condecorações? Seu proprio coração exprimiu certo dia um desejo supremo: «Aqui está por que, afinal, me tem penetrado a ambição individual do nirvana politico, o desejo crescente de renunciar á honra das minhas funcções ele-

ctivas, e absorver-me exclusivamente na vida particular, na existencia espiritual do homem de letras ... »

Mas, poder-se-á dizer ainda alguma cousa da linguagem de Ruy Barbosa? Alguem aventára da de Victor Hugo: « ... encerra todos os sons da Natureza, traduz todos os ruidos do Orbe ». Isso, igualmente, a linguagem de Ruy. Resultará incolor e insulsa toda a imagem com que se forceje intensar o clarão da sentença hymnologica: « todos os sons da natureza » devem compor uma symphonia maravilhosa, sobrenatural, cujos motivos melodicos serão somente comprehensiveis e perceptiveis dos eleitos de Deus. Nossa enorme vaidade supporá de certo que os apprehende, cuidará ingenuamente que os capta numa phrase harmoniosa, na volata de um conceito, nos rythmos de uma estrophe; mas, sendo embora pura illusão dos sentidos, nem por isso deixará de ser radiosa e doce para nossa alma essa illusão. Saudamos a Deus e a Natureza no estro de Hugo como os saudamos em um nocturno de Chopin ou na belleza tragica de um terceto do Dante, porque tambem nestes vibram « todos os sons » da eloquente comparação do conceitista. Rapto de imaginador, sua phrase exaltadora do estilo do genio dos « Chatiments » é apenas uma hyperbole. Esgarçada com subtil engenho, o que fica a fluctuar no fundo é a essencia da idéa pe-

regrina a alcandorar um cálamo como a mais alta expressão da magnificencia verbal.

Ora, isso é tambem a linguagem de Ruy.

* * *

Talvez não seja de todo desinteressante investigar as predilecções ortographicas do excelso Mestre, principalmente agora que os mais primos escriptores se emmaranham na Babel dos systemas.

Uma questão de methodo leva-nos a tomar por base deste estudo o derradeiro livro, que passou pela revisão cuidada de Ruy: a « Queda do Imperio ». Notam-se para logo, nessa possante obra, duas graphias desiguaes: a placitada pelo inclito prosador em seus livros anteriores (*abysmar, abysmo, habilitar, theoria, throno, enthronizar, anniquilar mythologia, solemnidade, solemne, commigo, comsigo, sahir, escriptor, surprehender, captivo, captiveiro, prohibir, commetter, programma*) e a inexplicavel e abruptamente adoptada em 1921, desde a magistral Introducção da « Queda » : *abismar, abismo, reabilitar, teoria, trono, entronizar, aniquilar, mito, solennidade, solenne, comigo, consigo, sair, escritor, surpreender, cativo, cativeiro, proibir, commeter, programa,* tudo isso a correr de par com estas coisas assaz curiosas: *ontem, anteontem, sêca, inabil, extrair,*

inibir, contudo, enquanto, conquanto, benfazeja, entusiasmo, enfim, circunstancia, circunscrever.

Pesa-me o certificar que Ruy desfigurou, graphicamente, os bellos artigos do «Diario de Noticias», inseridos na «Queda», emendando-os de maneira diversa do seu uso ao tempo em que os elaborou. Em 1889 eram-lhe estranhas as modernices que acima assignalamos, e «Os actos inconstitucionaes», tracejados em 1893, as «Cartas de Inglaterra», em 1896, e a archifamosa «Réplica», em 1902, o provam exhuberantemente. Todos esses trabalhos, em cuja intercadencia houve por seguro uma larga meditação em materia orthographica, offerecem ao leitor uma uniformidade que faz honra á constancia do Mestre. Nos «Actos» encontram-se bastas vezes: *emquanto, comquanto, circumstancia, circumscrever, emfim, commetter, solemnizar, escripto, escriptor, abysmo, circumferencia, commigo, atravez, francez, inglez.* Nas «Cartas de Inglaterra» as mesmas graphias, havendo Ruy aberto uma pequena exepção na «Réplica» para a desinencia *ês*, em *português, francês, inglês*, etc.

Quatro annos após a formidavel polemica philologica da «Réplica», outra encetou o incansavel justador, no terreno juridico, com o sr. Gumercindo Bessa, da qual nos herdou um precioso volume, repleto de lições de todo o genero. Esse livro, como os demais a que nos referimos, foi

por elle corrigido «para o estremar dos erros de linguagem e orthographia, que a revisão jornalistica deixára passar»; e em seu amplo contexto, afóra o pittoresco de *circunstancia* (com *n)* que se deve attribuir a inadvertencia, visto que se depara tambem *circumstancia* (com *m)*, da mesma sorte que, inharmonicamente, *contrato* e *contracto*, *teoria* e *theoria*, *assimilhar* e *assemelhar*, *grão* e *grau*, *igual* e *egualdade*, *categorico* e *cathegorico;* afóra a tal graphia *circunstancia*, encontram-se as mesmas da «Réplica» e dos outros trabalhos que a precederam, mantida a mesma excepção para os nomes gentilicos — *francês*, *português*.

A acceitarmos, assim, que Ruy Barbosa orthographasse, em 1889, com o exaggero phonetico que vimos no texto da «Queda», teremos de admittir que abandonou o systema quatro annos depois, mantendo o etymologismo mais oú menos corrente até 1920, para voltar novamente á phonetização, decidido e convicto, em 1921. Porque, ainda no anno anterior ao apparecimento da «Queda do Imperio» com as suas singularidades graphicas, surdia dos prelos «O Art. 6.º da Constituição», e ahi é isto que se vê entre outras coisas exaradas á velha maneira: *escripto*, *escriptor*, *anniquilar*, *solemnidade*, *circumstancia*, *crear*, *creação*, *magestade*, *abysmar*, *inherente*, *circumscripção*, *solemne*, *circumscrever*, *theoria*.

De quanto expomos se apura que Ruy Bar-

bosa, em 1921, transigindo com certos philologos portuguezes quanto á simplificação decantada lá e cá, e acatando até vetustas regrinhas grammaticaes de que pouca gente se recorda, sanccionou, agraciadamente, todas as *gonçalvianices* e *figueiredices* que já mencionamos. Não nos fuzila no cerebro a idéa ruim de censurar ao Mestre taes mudanças; confessou-as elle proprio sinceramente, atagantando os immobilistas com a sua terrivel ironia nestes termos precisos: «Não m'o tenham a mal os immutaveis. Deus os reverta da pedra e cal em homens. Deus os ensine a mudar. Porque todo o aprender, todo o melhorar, todo o viver é mudar. De mudar nem mesmo o céu, o inferno ou a morte escapam».

No tumulto, porem, dessas variações, manteve-se Ruy fiel á sua antiga maneira de orthographar muitos vocabulos, podendo assignalar-se estes entre numerosissimos: *phrase, regimen, estrangeiro, cháos, fallar, paiz, expoz, poz* e *quiz, distincção, monarcha, alli, mez, vehemencia, acceitar.* E por ser isso um facto assaz sabido foi que causou espanto enorme o apparecimento, em 1923, das «Orações do Apostolo», onde se ostentam a flux graphias differentes dessas: *regime, caos, falar, pais, expôs, pôs, quis, distinção, monarca, ali, veemencia, aceitar* e, concomitantemente, *escripto, escriptor, captivo, captiveiro, abysmar, prohibir, comsigo, comtudo, comquanto, emquanto,*

emfim, circumstância, circumdar, graphias, como se viu, modificadas na «Queda».

Que inferir desse rol de incoherencias? Teria sabido e concordado Ruy Barbosa, em 1923, anno de seu fallecimento e da edição das «Orações do Apostolo», que Laudelino Freire tencionava dar a lume seus trabalhos de 1882 e 1887, orthographicamente transformados? Ou, ao revez, ignorou tudo e a edição saiu posthumamente, adaptada á graphia habitual da «Revista de Lingua Portuguza», não sendo licito, assim, fazer cargo a Ruy das incongruencias apontadas?

Fallecem-me elementos para julgar a questão. Como quer que seja, porem, ainda quando circumscripta a investigação aos livros revisados pelo Mestre, é patente o seu variar nesse assumpto da orthographia. Sob tal aspecto os artigos do «Diario de Noticias», corrigidos em 1921, estão longe de ser os mesmos forjados em 1889, como a Introducção da «Queda do Imperio» está infinitamente distante da «Réplica» e muitissimo afastada das «Orações do Apostolo». Até no que concerne á accentuação, onde era assaz conhecida a sobriedade de Ruy, a differença avulta aos olhos do leitor; a floresta do diacriticos da Introducção em apreço (lancêta, lâmina, mallôgro, espontâneo, segrêdo, público, crédito, débito, médico, água, plácida) está a indicar que Ruy, ou por convicção, ou por medo de ser considerado

retrogrado e parrana, acquiesceu á orgia dos accentos, não dispensando sequer do barretinho os seus velhos edictoriaes do «Diario de Noticias», que certo extranharam a extravagancia do adorno: homogêneo, gôzo, errôneo, fôrça, alvorôto, instantâneo, jôrro, campânula, têmpera, descêsse, célebre, sólo. ([1])

Entretanto, uma particularidade notavel observamos no escrever de Ruy Barbosa: sua intransigencia indobravel com o bafiento e aborrecido *lo*, artigo, ou pronome. Demos de rosto com essa particula birrenta só nas «Orações do Apostolo» ([2]), e não acreditamos que o Mestre a tivesse adoptado. Nenhum facto, pelo menos, pròva que a tolerasse em escriptos de sua responsabilidade. Seu assentimento á desinencia *ês*,

---

([1]) Parece que o Mestre foi além das regras prescriptas, quanto a accentos, pelo sapiente synédrio que legislou em Portugal a simplificação orthographica, «para favorecer o ensino facil da leitura e da escripta», conforme expoz ao governo nas bases para a unificação. Aliás Ruy, excedendo-se, andou com o pensamento dos legisladores philologicos, que entendiam dever ser a accentuação «mais copiosa e differencial do que é a castelhana, em si modelar na sua simplicidade». Agradeçamos a Deus não ter occorrido a Ruy o capricho de deixar-nos exemplos de palavras portuguezas com tres accentos, porque com dois já as temos, via Portugal, como em *seqüência* e outras bellezas graphicas. Lembrâmo-nos, involuntariamente, das taes «remissões» de Vieira, que baixavam das eminencias officiaes com tres adverbios...

([2]) A Academia Brasileira de Letras, approvando recentemente o *Formulario Orthographico* organizado por Laudelino Freire, liquidou a questão do *lo*, mandando que no infinitivo combinado com o artigo pronome se escreva — *amal-o, punil-o*. Rompeu assim o illustre cenaculo com a tradição archaica, tantas vezes arvorada em argumento de enchemão.

nos nomes patrios, está comprovado na «Réplica» e em trabalhos, ulteriores, posto nunca houvesse explicado o repudio da terminação *ez.* Seria mais uma homenagem ás razões eruditas dos senhores Figueiredo & C.ª, porque nem os nossos mais graduados humanistas e philologos a perfilham, nem a linguistica apurou ainda, irreplicavelmente, que o *ês* é certissimo. João Ribeiro (*Grammatica, O folk-lore, Selecta classica*), Said Ali (*Lexeologia do portuguez historico* e *Difficuldades da lingua portugueza*) e Barão de Ramiz Galvão (*Vocabulario etymologico*) — para citar apenas tres autoridades na materia —, ensinam e escrevem convencidamente: *portuguez, francez, inglez;* e á duvida articulada, vae em bons sessenta annos, pelo erudito José Feliciano de Castilho na sua *Orthographia Portugueza,* sobre se o *ês* teria realmente vindo da *ensis* romana, responde hoje Said Ali na *Lexeologia:* «Duvida ha sobre a terminação tonica outrora representada por *es,* ou *ês.* A graphia *ez* é mais simples; a outra, fiel ao antigo uso, requer o auxilio do accento circumflexo para differençar-se a terminação oxytona da não accentuada». ([3])

A questão do *lo,* porem, artigo ou pronome, tem importancia maior.

Ruy Barbosa acompanhou sempre a corrente

([3]) Já foi entoado o *requiescat in pace* do *inglês, francês, português,* e a «Revista» de Laudelino Freire é agora da *Lingua Portugueza.*

opposta a essa reminiscencia do portuguez antigo, e não consta que haja aberto dissidencia na grande maioria dos escriptores brasileiros, que se mantêm fieis ao uso geral. Felippe Franco de Sá, não obstante preleccionar que «ao pronome inclitico *o, a, os, as,* depois de determinações verbaes em *r, s* ou *z,* dos pronomes *nos* e *vos* e do adverbio *eis* se accrescenta um *l* inicial, supprimindo-se aquellas consoantes finaes — *ama-lo, áma-lo, vêde-lo, fa-lo, fe-lo, po-lo, no-lo, vo-lo, ei-lo*», foge prudentemente á propria lição, graphando qual o commun da gente: *amal-o, vel-o, fel-o, pol-o, nol-o, eil-o.* Logo noprefacio d'*A Lingua Portugueza,* de Franco de Sá, se notam phrases deste teor: «uma enfermidade grave obrigou-nos a *interrompel-o*»; «aproveitar aquelles estudos e *completal-os*».

Se dahi saltarmos a um philologo e escriptor da alteza de João Ribeiro, veremos que elle, a partir da introducção da sua Grammatica, nos ensina: «*possuimol-a* em latim» e «para *revocal-as* á vida», continuando essa lição em *O folk-lore,* onde se lê: «seria impossivel *systematizal-o,* «vamos *exemplifical-a*». Appellando ainda para a eminencia de Julio Ribeiro, achamos nas *Cartas sertanejas:* — «*consideral-os* acima da craveira commun» — «*embriagal-os* com lisonjas» — «*aturdil-os* com ovações». E, por derradeiro, se evocarmos o parecer de Candido de Figueiredo, que é aliás um submisso á tyrannia do *lo*, verifica-

remos que elle não repulsa a forma contraria e até legisla com bondade assaz espantosa na sua indole briguenta: « todos sabem que se escreve, com o artigo pronominal, *dizel-o* e *dize-lo*, e ha razões de ambos os lados. Quem escreve *dizel-o* entende que o *r* de *dizer* se transforma por euphonia em *l*, e que esta letra occupou o logar daquella; e quem escreve *dize-lo* funda-se — quando se funda em alguma coisa — em que o *r* desappareceu por euphonia, como um *s* desappareceu em *amamo-nos*, e que se mantem o pronome antiquado *lo* ». *(Lições praticas da lingua portuguesa*, 243). (4).

Ora, não consta que Ruy Barbosa haja quebrado, uma só vez, a tradição dos escriptores brasileiros contemporaneos, patrocinando em suas preexcellentes obras o antipathico *lo*. Suas predilecções para com o antiquado não chegaram,

(4) « . . . o grande fundamento deste *dizê-lo* (com accento e *lo* separado) é a enorme informação de que *lo* é o artigo e não concerne ao verbo. Se é necessaria uma informação de tal jaez (será *jaês?* não tenho á mão um diccionario) neste caso devemos escrever *l'éste* (o ponto cardeal) pois *l* é artigo, e perdendo um pouco a vergonha podemos graphar os arabismos com toda a gravidade que o caso reclama: *al-godão, al-feres, Al-Garve*, etc. Por que hesitar ? O artigo *lo* ou *al* ou *o* merece ficar em evidencia. Podemos, até, passar essa novidade graphica aos francezes para que escrevam sabiamente *l'ierre (hera)*. Bem consideradas as cousas, em *dizel-o* (ou *dizê-lo*) o *l* tanto pertence ao verbo como ao artigo, pois que as duas letras *r* e *l* se fundiram em uma só. E, demais, *lo* é artigo archaico, e só importa evidenciar o que é a palavra conhecida e de uso. A não ser assim, voltemos ao *Al-Garve*, que mais tresanda a archaismo. . . e talvez *l'eiva* por *leiva* ». (João Ribeiro, *O Imparcial*, Janeiro, 1917).

nem chegariam, provavelmente, ao ponto de comprazer a uma forma repugnante á representação graphica hodierna, forma rançosa paradoxalmente animada pelos chibalés do archaismo, que reputaram farelagens bolorosas outras particulas e as encryptaram sem pena, limpando com zelo pressuroso a linguagem modernizada e taful dos nosssos dias.

Livre-nos Deus de propugnar a exerese do *lo* e analogas superfluidades do organismo do idioma. Nada disso. Queremos só que se não avolume o rol dos peccados de Ruy Barbosa com esse bicharoco, de que o illustre Laudelino Freire, com minguada justiça, lhe dá a responsabilidade nas *Orações do Apostolo*. Muitissimo clara era a tendencia do Mestre para o phonetismo radical; innegavel sua antipathia para com a terminação *ês* em *português* e ainda a sua solidariedade, em alguns casos, com a suppressão dos *h h* e dos *y y* — letras da particular quezilia dos reformistas; inexistem provas, porem, da chancella de Ruy ao irritantissimo *lo*, e faz-se mister proclamar-lhe o voto contrario a semelhante anachronismo.

Da nossa exposição pode-se concluir, sem muito esforço de intelligencia, que a orthographia do mestre estava ainda por fixar. De feito, a variedade graphica é o traço dominante do seu escrever, variedade aliás que, « ainda hoje, é a regra», como observa João Ribeiro em *A lingua*

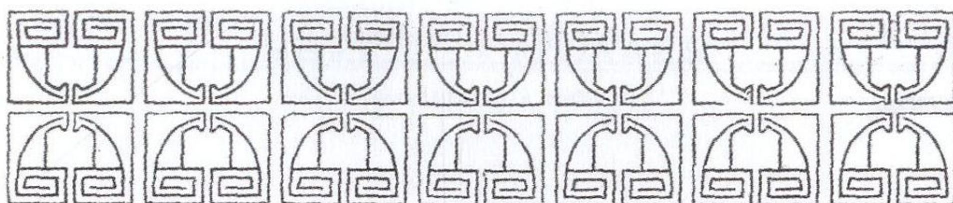
nacional e o confirma o Snr. Mario Barreto na sua recente traducção das *Cartas persas*, de Montesquieu: « *dar fructos* voluntariamente », pag. 25, e « *frutos* das nossas terras », pag. 29; « por te achar *inocente* », pag. 43, e « mansão de *innocencia* », pag. 53; « porque me tiras a *honra* », pag. 41, e « que te *desonra* », pag. 43. Poder-se-á até dizer que não vingará nunca um systema orthographico em face das inconstancias e vacillações dos escriptores, ficando-nos tão só, para consolo em tal assumpto, aquella affirmativa categorica de José Feliciano de Castilho, ha mais de meio seculo enunciada: « Não ha opinião de classicos, nem uso, nem systema pratico, por onde a orthographia se possa regular ».

Nada de carifranzir, pois, com as incoherencias dos primazes, a cuja frente manda a justiça collocar o grande Mestre da *Réplica*. Concordemos que nessa desordem é que está a ordem, como os sabios concordam e provam que na desharmonia apparente da natureza é que reside a serena harmonia universal.

GENESIO CAVALCANTE
DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

DOIS SONETOS

PARA NONNATO PINHEIRO



SUGGESTÕES DE VENEZA

Nereyda verde! Ao luar, que além prateia a duna,
Da sombra dos canaes teu cantico se evola
Num perfume de lenda... Ouvindo a barcarola,
Sente-se a Morte e o Amor debruços na laguna.

Uma gondola voga e velejando, á tuna,
Esfólha entre os florões da espuma a alva corolla
De um sonho exul... Dir-se-á que á frôl das aguas róla
A alma errante do Mouro, envolta em gaze bruna...

Ah! de que abysmo azul de sons, que vão ferindo,
Esta voz que assim clama e a um tempo nos assombra
Como ao vento, a dobrar, os lentos carrilhões,

De onde, acaso, ella vem, blasphemando e carpindo?!...
Meu grande irmão! Mas lembro... e cuido ver a sombra
De Iago, na viola a rir, zangarreando os bordões.

HYMNO AO SOMNO

"Out'rora, um rei de Thule"... E em feliz abandono
De avó tão meiga ouvindo esse amor de balladas,
Vinhas, subtil, beijar-me as palpebras pesadas,
— Filho da Noite e irmão gemeo da Morte, Somno!

Verde arvore do Sonho! Era a gloria do outomno...
Fructos de ouro, colhendo ás pendulas ramadas,
Tu me déste, a sorrir no alvor das madrugadas,
— Filho da Noite e irmão gemeo da Morte, Somno!

Leito de Erinnyas! Curvo ao peso de mil penas,
Em vão por ti clamei num doloroso entono,
— Filho da Noite e irmão gemeo da Morte, Somno!

Plange um sino... Oh! saudade! Ao coração apenas
Dá que olvide estas cans e fadigas terrenas,
— Filho da Noite e irmão gemeo da Morte, Somno!

PERICLES MORAES
AUTOR DE "FIGURAS & SENSAÇÕES"

ANATOLE FRANCE

SEMEADOR DE DUVIDAS





Com a morte de Anatole France desapparece o mais classico dos escriptores francezes e o mais latino dos pensadores contemporaneos. Lemaître, se vivesse, diria que se despetalára a «extrema flôr do genio latino». Da obra que nos léga esse homem extraordinario, dessa obra que encerra e resume seculos de arte e seculos de pensamento, traduzindo-lhe a vida que não foi senão uma voluptuósa perigrinação através das velhas edades e das experimentadas sabedorias, tudo o que se dissér, por melhor que se diga, será sempre precario e incompleto. A chronica, que é leve, ductil, aligera e transitoria, jámais synthetizaria a visão desconcertante de seu espirito, o irradiar de seu genio sobre as outras litteraturas, a influencia que exerceu nos escriptores de seu tempo, a sua immensa cultura greco-latina, a mysteriósa seducção de sua arte, que obdeceu a leis, immutaveis e a formulas definitivas, todos os aspectos superiores, em summa, que lhe definem e perpetúam a grandeza. Fixar-lhe a obra, de um só traço, é tentativa

arrojada, quiçá inexequivel. A sua complexidade é desmesurada, quasi infinita, abrange todas as épocas da historia humana. E' obra de pensador e de poeta, de artista e de philosopho, de moralista e de critico, de estylista e de homem de genio. Sim, homem de genio, que ninguem o teve maior no seu tempo, genio instinctivo e luminoso de homem que fez da vida um paradoxo consecutivo, não a interpretando, porém, senão pela craveira da graça e da medida, do rythmo e da harmonia. Anatole criou a vida, amou-a sobre todas as coisas, teve para todas as coisas uma ironia piedósa e para todos os homens um « terno desprezo », que era ainda, pela sua bondade, uma especie de remissão ás suas fraquezas. Póde-se dizer que a acuidade dessa nobre intelligencia lhes descobriu e penetrou as inferioridades irremediaveis; mas, o homem, ungido de misericórdia, absolveu-as indulgentemente, com esse sorriso « amer et moqueur », que faz o grande encanto, o supremo encanto de sua intelligencia e de sua arte. A vida foi-lhe a attracção, na congérie de decepções e ridiculos que a magia de seu estylo velou, ironizando-os embóra. Sobre a vida meditou e duvidou, fez um compendio de sabedoria e diffundiu-o pródigamente, ao geito desse sabio abbade Cognard, de um dos seus livros mais perfeitos. Meditar e duvidar, eis as funcções precipuas desse homem de idéas da estirpe de Platão e de

Montaigne. No espirito de Anatole estava sempre a duvida. «Doutons de tout, je le veux bien. Mais le doute ne change pas les conditions de la vie». Era uma sensibilidade delicadissima que sabia esperar, duvidando. Parallelamente, meditava. Passou a vida solitario, embrechado «nas silenciósas orgias da meditação». Nos seus livros, construidos com aquella pachorra amorósa e erudita de Monsieur Sariette, da *Révolte des Anges*, não se aprende apenas a sentir e a escrever. Aprende-se a meditar, a comprehender e a pensar. As suas idéas, é bem de vêr, não eram, não poderiam ser para o suffragio collectivo de nosso tempo e da nossa incultura. Por isso não houve quem lhe não arguisse de anachronico, de homem de outróra, sem a nervósa impaciencia do seculo em que vivia. A verdade é que esse peregrino emergira na Héllade, conhecera-lhe as sumptuósidades e magnificencias, embevecera-se; e, contagiado, reflectira para a sua obra, em uma arte em que satisfazia a um tempo os simples e os refinados, as maravilhósas bellezas que lhe tinham despertado a universal curiosidade. Mas que prodigioso reflexo! Com elle, pelas mãos desse mago, em *Thais*, sentimos a volupia, os peccados e o ascetismo religioso de Alexandria; em *Sur la pierre blanche*, vivemos os dias radiósos da antiga Roma na intimidade dos deuses immortaes e corrompidos; a formosura da Grecia eterna e os anseios

da alma pagã tivemol-os em *Clio;* a Roma dos Papas, dos monasterios e dos santos capripedes, exsurge-nos em *Puits de Sainte-Claire;* em *Le Lys Rouge,* o resplandôr da arte florentina; nas paginas de *Vie Littéraire,* o memorial de suas observações impressionistas através dos homens e dos livros; e no *Jardin d'Epicure,* a philosophia da vida...

Não é só. Immérso no espirito do philosopho, como suave refugio ás suas cogitações, está o poeta. Anatole escreveu versos por uma ineluctavel fatalidade de artista. Na melancholia das estancias de *Lenconoé* sonorizou as inquietações da mulher oriental, mystica e sonhadora, a procurar debalde a quem confiar «l'ardente et lourde fleur de son dernier amour...» O artista revela-se, depois, em *Poèmes dorés.* Em *Noces Corinthiennes* ha uma vaga lembrança da imaginação plastica do lapidario dos *Poèmes antiques.*

Em um seculo vertiginoso, de movimentos continuos, de acção constante e tumultuaria, esse irresistivel seductor fez o milagre de passar a vida a pensar. Já houve até quem affirmasse que ninguem deu mais verdade ao sentido etymologico desse verbo. «O homem nasceu para comprehender», affirma-nos elle no *Balthazar.* Assim, adstricto a esse aphorismo, Anatole leu tudo, viu tudo, comprehendeu tudo e tudo amou por ter sinceramente vivido. Surprehendeu os aspectos multiplos e contradictorios do pensamento; e

através do esmalte de sua prósa e da clareza do seu estylo, com uma tolerancia sorridente, reponta a expressão dos sentimentos e das idéas que lhe foram a affirmação do genio. O estylo de France... Eis ahi o segredo do seu fascinio. A alma fremente das realidades novas auscultou-a o artista, modelando as idéas, cepilhando-as, joeirando-as, sensualizando-as na volupia do estylo, esse estylo translucido e correntio, de ondulações suaves e sonóras, limpido como um veio crystalino. A apparente illusão de sua simplicidade é que nos engana e seduz. « Je dirai donc, que, s'il n'y a pas proprement de style simple, il y a des styles qui paraissent simples, et que c'est précisement à ceux-là que semblent attachés la jeunesse et la durée », são palavras suas no *Jardin d'Epicure*. Para o grande artista, a funcção da arte, — está na *Vie Littéraire*—, é agradar, e os seus prazeres não devem causar a menor fadiga. Esses prazeres da arte, quem melhor os gozou do que Anatole? Sentiu-lhes o penetrante deliquio e, de sensação em sensação, de volupia em volupia, dentro desse « metal de Corintho », (a expressão é de Lemaître), dominou as palavras, submetteu-as, dóceis, escravizou-as ao serviço da emoção e do pensamento. Escrevendo « il éprouvait cette douceur cruelle que donne aux âmes voluptueuse, la beauté des formes vivantes ». Consoante a sua propria assertiva, em arte o que contava era o estylo, e

para o espirito francez a clareza era tudo: «...les trois qualités de l'esprit français, d'abord la clarté, puis encore la clarté, enfim la clarté...». Ainda sobre o seu estylo, um dos mais fervorósos cultuadores de sua obra aventurou esta imagem positivamente irreprehensivel: «O estylo de Anatole é como a agua de uma fonte clara. Limpido, parece dissaborido; indolente, parece facil. Nada de mais saboroso do que essa agua pura, nada de mais difficil do que essa facilidade». France fez a conquista de um estylo, classico na pureza da fórma, na estructura das idéas: attico por suas qualidades de gosto, clareza, concisão, ordem, cuidado, simplicidade. Dentro desse estylo perfeito, sentia e contemplava a vida, á sua maneira, traduzindo-lhe a visão.

Discipulo de Renan, são directas as suas affinidades com o mestre. Não apenas pelo estylo, ondulante, fluido, de um contorno indeterminado, mais colorido que o de Racine e talvez com a mesma flexibilidade do de Bossuet, senão pela combinação surprehendente das idéas, pela maneira imprevista de pensar, modificando as fórmas do espirito humano. A obra de Anatole, como a de Renan, dá-nos a impressão de uma paizagem á meia sombra, cuja belleza não empolga á primeira vista, mas logo, de começo, se insinúa, para dominar em seguida. Entretanto, evidentes que nos pareçam as suas affinidades com varios dos

grandes classicos francezes — Anatole tem a concisão de Voltaire, a sensibilidade de Racine, o espirito e a justeza de Pascal, a penetração de Montaigne —, o seu classicismo tem sido materia de controversia. Nega-o Gonzague Truc, em seu substancioso ensaio *(Les maîtres de la pensée française)* sobre a obra de France, opinião recentemente homologada por um critico de valor — Jean Jacques Masson, em erúdita monographia. Seria, essa, porém, a corrente dominante? Anatole não teria sido, devéras, na actualidade, o unico escriptor classico de sua lingua? Quanto a nós, quanto a todos que lhe conhecem a pureza do estylo da linguagem, quaesquer considerações de ordem diversa, prestigiósas embóra as fontes de onde dimanem, resultariam inanes.

Não intentaremos neste momento, que o espaço restricto da chronica não nos chega para tanto, discutir a «maneira» do mestre planejando uma incursão por entre os marcos millenarios de sua obra encyclopedica. Mas, de qualquer fórma, sentindo-lhe o contacto, com a admiração pelo homem e pelo artista que ahi transparecem, temos necessidade, antes de visal-a mais demoradamente, de lembrar um outro escriptor, esse moderno e muito amado nosso — Remy de Gourmont, onde são flagrantes as approximações, os pontos communs, diremos mais claro, as estreitas affinidades de idéas e de estylo entre a sua obra e a de France.

Talvez que o ironista das *Lettres d'un satyre* não tenha o mesmo atticismo de Anatole, mas terá com certeza uma sensibilidade mais inquiéta, um estylo mais rutilante e, sobretudo, mais vasta e profunda complexidade. Além disso, Gourmont é mais aggressivo e a sua dialectica posteja, emquanto que France, impassivel, conserva o recato dos espiritos á espreita, mesmo quando destróça, tal como o fez a Ohnet, naquella pagina demolidora da *Vie Littéraire*.

Descortinemos agora, de relance, a intuição das idéas desse pensador singular, que tem uma ironia amavel para todas as coisas e um sorriso sceptico para todas as verdades. Qual a religião de France? Qual a sua philosophia? Qual a sua arte? Nada escapou á investigação desse grande espirito. Nenhuma crença, nenhum livro, nenhum systema philosophico, nenhuma religião. Quem lhe perlustra a obra, não deve affirmar que France fôsse um inimigo ostensivo e implacavel da Egreja. Combateu-a, e não poucas vezes, combateu-a asperamente, mas o seu ponto de vista religioso não era o de um sectario, antes era o de um contradictor tolerante que aprendeu a duvidar dos dogmas e dos mysterios religiósos no seio da propria Egreja. Fez como Renan. Perscrutou-lhe demasiadamente os principios e as origens, os erros e as mystificações. Mas á visão dos defeitos dos idolos christãos, teve a coragem de criticar-

lhes a falsa crença e as falsas bases de fé. Duvidou. No *Jardin d'Epicure,* eixo central de sua philosophia e de suas idéas, livro para onde elle trasladou, em verdades que parecem paradoxos, a experiencia de seu aprendizado na vida e as suas desillusões, estão provados os motivos dessa descrença. France, comtudo, não era um atheu. O desaccordo da physica christã com a sua cosmogonia, revela o indice de sua videncia de artista, ou, se quizermos, do seu temperamento de voluptuario, que não comprehende arte e religião sem um sensualismo quintessenciado. France insurgiu-se apenas contra o fanatismo christão. Não se diga que em *Thais* esteja o reflexo de sua visão religiósa ácerca do christianismo. Nesse livro todo o seu esforço convergiu para mostrar que a religião christã, poema enlevante encastoado de lendas e de mythos, teria outras seducções e outros encantos, isenta das cegueiras do fanatismo. Dahi a figura desse cenobita meditativo e austero, ciliciado na abstinencia, no jejum e na maceração, Paphnuce de Thebaida, a caricatura da doutrina de Jesús; e, contrabalançando-o, o velho Palemon, Timoclès, Nicias, homens de fé e de virtudes sinceras. Quando discute os dogmas da Egreja, a alma do epicurista e a ironia do sceptico animam o pensador. A ironia do artista, a piedósa ironia de Anatole... E' ainda no *Jardin d'Epicure* que vamos encontrar o texto revelador:

« A ironia que eu invoco não é cruel, é doce e bemfazeja. Ella não sorri do amor nem da belleza. Seu sorriso acalma a colera e é essa ironia quem nos ensina a desdenhar dos tolos e dos máos, que, sem ella, poderiamos ter a fraqueza de odiar ». Toda sua obra está untada dessa ironia amavel, ironia sem crueldades, que lhe explica o sentimento da arte e o seu culto pela belleza. Mas, é possivel a ironia de France, sem as doçuras de um scepticismo amargo e consolador, scepticismo que nos alarma mas que nos convence? Elle proprio (Paul Gsell. *Les Matinées de la villa Sayda)* julgava compromettida a accepção do vocabulo, applicado á sua pessôa, com o synonimo de negação e de impotencia, quando os grandes scepticos, a seu vêr, fôram os mais affirmativos e os mais corajósos dos homens. O seu scepticismo, outra feição de sua ironia, «era a lucta contra a ignorancia que estupidifica, contra a intolerancia que tyranniza, contra a crueldade que tortura, contra o odio que matta ». Seria? Mas no *Jardin d'Epicure,* qual o seu conceito sobre a ignorancia? « A ignorancia é a condição necessaria senão da felicidade mas da propria existencia. Se nós soubessemos tudo, não poderiamos supportar a vida por uma hora. Os sentimentos que nol-a tornam doce, nascem da mentira e se nutrem de illusões ». Semeando duvidas, Anatole, por sua vez, duvída. A ignorancia é indispensavel á existencia?

A crueldade é generósa? O odio é um balsamo? Paginas adiante, nesse mesmo livro, eis Anatole a mostrar as virtudes da intolerancia e as munificencias da crueldade e do odio. Em tudo, o seu profundo scepticismo. Esse homem que viveu a pensar, negava o pensamento, julgando-o um veneno perigoso, a origem de tres quartas partes de nossos males *(Jérôme Cognard)*; esse homem assombrósamente intelligente, negava a intelligencia, considerando-a desnecessaria á vida, contraria ao genio da especie, sem acção e sem reacção sobre a existencia dos sêres, fazendo o effeito, se penetrasse na massa humana, «de uma solução de amoniaco em formigueiro...». *(Pierre Nozier)*. Mas, apesar do imprevisto de tamanhos paradoxos, não acreditaria esse pensador na hegemonia da intelligencia, na sua ascendencia espiritual, na sua evidencia incontrastavel? A duvida de Anatole... A verdade é que nesse sceptico a faculdade de crer é mais atilada e vigilante do que em qualquer outro homem. France crê na bondade e na belleza, preferindo-as — é affirmativa sua — á propria verdade. Esse «désireur», como lhe chamava os Goncourt, crê e mente, tal como o Dr. Trublet, de sua deliciósa *Histoire Comique*, que não póde e não sabe consolar sem mentir.

Mas a obra de Anatole não é só um fremito de intelligencia em actividade. E' tambem um fremito de volupia, continuo e extasiante. France é

um artista em cuja obra transpira o sensualismo de suas paixões e de seus requintes, seja na simplicidade esthetica com que esbóça o periodo ou no voluptuoso ardor com que fecunda e concebe a idéa: «Nous pensons avec des mots; cela seul est sensuel et ramène à la nature». De quasi todas as suas mulheres se evóla, penetrante e fino, um suave aroma de carne, que conturba e enlanguésce. Ao pintal-as, o seu pincel desnuda-lhe as curvas e as axillas, sentindo-se, através das côres, dos contornos e dos perfumes, a insaciada lubricidade do artista. Não em poucos de seus livros aflóra esse prurido fescennino. A maioria de suas mulheres, por ardentes e excitantes, se assemelham umas com as outras. Anatole fareja-lhes o instincto e a fatal attracção da belleza. São irresistiveis todas. Embriagam, dando-nos a illusão da vida e da vertigem. «Ce qui fait le monde, c'est la femme. Elle y est souveraine: rien ne s'y fait que par elle et pour elle» *(Jardin d'Epicure)*. A sua galeria é como um kaleidoscopio de figuras vivas, aureoladas de amor e de desejo. A colleante Gilbert Aubels, da *Révolte des Anges*, «que tinha a arte de se despir facilmente, sabendo como é conveniente á mulher estar núa e proveitoso ostentar a sua belleza»; Thais, a fascinante corteză, «que tinha os olhos humidos e cheios de relampagos, as narinas frementes, a bocca entreaberta, o seio em flôr e os braços como dois regatos»; Mme. de Gromance,

a delirante nymphomana do *L'Anneau d' Amethyste,* que, «com doçura ou á força, inspiração natural ou sciencia profunda, obtinha mais liberalmente do amante adolescente as realidades do amôr»; a condessa Martin-Bellène, do *Lys Rouge,* «faite pour l'amour», de impeccavel correcção plastica, amorósa, pérfida, lasciva como uma gata. Todas essas formósas mulheres, e mais outras ainda, de livro a livro, se originam dessa «joie charnelle» do mestre voluptuario, que é como um derivativo ao seu scepticismo e á sua ironia. Um dos mais eloquentes e persuasivos exegetas do espirito de France, alludindo a esse pendor animal do artista insigne, teve esta phrase: A mulher de Anatole, «il la campe dans toutes les positions, l'habille, la devêt, la relève, la fait marcher, s'asseoir et jusqu'à aimer devant lui». E' acabada esta synthese; e, sobre o mesmo intuito, tem mais nitidez e precisão do que um estudo.

Ha ainda um contorno da configuração polymorphica do espirito do autor de *Sylvestre Bonnard* que não deve ser omittido na chronica. Referimo-nos ao seu apostolado civico na questão Dreyfus, cujo reflexo lateja na satyra de *L'Ile des Pingouins.* Desse momento de sua vida começa a historia de Anatole, homem de acção, revolucionario, campeador inflexivel contra as injustiças, agitador e politico, politico nas suas varias modalidades — o livre pensador, o socialista, o re-

publicano, embóra um republicano que tivesse nutrido as suas idéas democraticas sob o Imperio, se dérmos credito ás confissões de Monseur Bergeret, no *Orme du Mail.* Essa historia se prolonga até nós. Na Grande Guerra, vemos o democrata, o socialista, o laico, o anarchista, com setenta annos de idade, vestir a farda humilde de « caporal » e seguir para o *front,* em defeza da patria e da nacionalidade. Tal foi o espirito de energia e de acção desse homem excepcional.

Em seus ultimos dias, Anatole contava-nos a sua vida. Fel-o primeiro em *Pierre Nozier.* Depois, os dias risonhos de sua infancia, nas paginas curiosas e interessantes de *Petit Pierre* e do *La vie em fleur,* duas auto-biographias notaveis, a historia da formação de seu espirito e de seu caracter. Ao falarmos, porém, de sua juventude, não podemos esquecer o « entretien » que, recentemente ainda, á passagem dos seus oitenta annos gloriósos, teve o « Nestor da litteratura contemporanea » com o seu antigo secretario, o eminente Jean-Jacques Brousson, critico francez de maior prestigio da actualidade. Foi talvez o seu derradeiro sorriso de graça e de ironia. France conseguiu ser « immortal » aos quatorze annos, mas « immortal » da « Academia de Emulação », fundada, no Collegio Stanilas, por um padre original, o abbade Lalanne, que, para ensinar geographia aos discipulos, transformara o seu jardim em uma

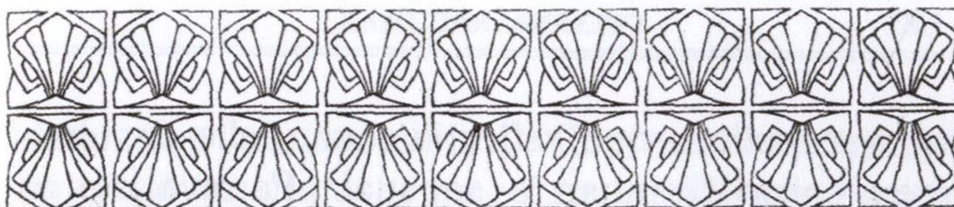
carta physica da França. Brousson affirma que o santo abbade, fundador da «Academia», reunia aos ardores do apostolado as visões da prophecia: «já naquelle tempo previa o autor de *Thais* e de *Jeanne d'Arc...* »

Mas, nesta hora de angustia pela catastrophe irreparavel, que se póde dizer mais dessa grande carreira de escriptor? A pratica da obra de Anatole France é uma das mais fecundas para o espirito. Em toda ella, pensando e meditando, o semeador plantou a duvida, duvida methodica, irreconciliavel com a verdade e com a rotina. Dir-se-ia que eram suas as palavras de Pierre Bayle: «Mon métier est de semer des doutes». Andou por todas as litteraturas, visitou povos e civilisações, abeberou-se das fontes sagradas, fez-se o observador sceptico do espectaculo da vida, tudo viu, de tudo sorriu e duvidou. Em um dos seus livros, *Le Génie Latin*, na pagina consagrada a Jean Racine, Anatole nos fala do pavor da morte, que atormenta sobretudo os seres de imaginação viva. Salvavam-se os homens de fé, porque é sempre na hora extrema que triumpha o christianismo. Mas France era a encarnação da descrença, e mesmo ao esgar da morte, deante da realidade esmagadora, esse obstinado sceptico devia ter ainda um sorriso nos labios gelados, o seu eterno sorriso da vida, a sua eterna dúvida, mas desta unica vez já desbaratado e vencido.

RAUL DE AZEVEDO
DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

VOLUPIA RADIOSA

(Capitulo de romance)



. . . .



ARIA HELENA — Maria Helena de Mendonça Ribeiro — espreguiçou-se docemente no divan largo e fôfo, um *maple* magnifico e voluptuoso, e semi-cerrou os bellos olhos, pensando na sua vida.

... Alta e morena, dum moreno leve e atraente, a pelle assetinada, o olhar penetrante como a lamina fina dum punhal, e esguia, e elegante, e donairosa, toda ella era um feixe de nervos. Quando ria mostrava duas filas de dentes solidos e brancos. Os seus cabellos eram negros e fartos, ligeiramente ondeados. Os olhos grandes, rasgados, brilhantes. Formosos os braços, roliços, torneados. As mãos transparentes, bem cuidadas sempre, as unhas polidamente roseas. O andar era firme, cadenciado, espontaneamente aristocratico. Maria Helena nos lembrava talvez uma figura vaporosa de Watteau.

Estava naquella tarde serena de Dezembro na sua alcova perfumada e clara. Repousava. Em frente o leito á Luiz XVI, e os moveis com

largos espelhos que reflectiam naquelle instante o seu corpo formoso e sensual. Pairava no ar aquelle perfume muito seu, exquesito e raro, invulgar, — combinação paciente de quatro ou cinco extractos selecionados. O certo é que, quando ella entrava num salão, num theatro, as pessoas proximas, mesmo sem vêl-a, diziam:

— Chegou Maria Helena!

Era aquelle perfume perturbante que se espalhava, que inebriava os homens apurados e fazia o ciume de certas mulheres, algumas amigas suas, que se cançavam infructiferamente em descobrir o segredo daquella essencia requintada. O jornalista Heleodoro Ferreira, chronista mundano, assegurara até duma feita que aquella raridade vinha directamente do Oriente para a donairosa senhora...

A sua alcôva era discreta, e como decoração duas telas pequenas assignadas por Oswaldo e Parreiras, um marmore de Bernardelli representando gloriosa mulher núa envolta em gaze, e flores espontando triumfaes das jarras de cristal e prata. Tapetes altos e velludosos, côr de cinza, abafavam os passos miúdos da patricia gentil. Estendidos num marmore a infinidade de objectos do preparo duma senhora elegante. Era um mimo todo o *bangalow*.

Maria Helena tinha vinte e quatro, vinte e seis annos talvez. Como saber bem ao certo a

idade das mulheres?!... Representava apenas vinte, talvez vinte e um. Era intelligente, sagaz, subtil, ás vezes com essa malicia leve que encanta e perturba os homens superiores que têm vivido a Vida.

Flôr pompeante de carne sadia, já desabrochada, já em radiosa exuberancia, plena de belleza, ella era bem a nortista dominadora, de temperamento ardente, de simpatia extrema, e duma simplicidade deliciosa e empolgante.

Filha unica do velho advogado doutor Godofredo de Mendonça Ribeiro, borla e capello, este lhe legara uma educação séria, diferente dessa outra que se faz agora nas salas de chás e cinemas perturbantes. Ha dous annos perdera o pae, e a sua mãe essa morrera muito antes,— respeitavel senhora de principios austeros, que deixara uma larga tradição de honestidade.

Até o grande critico de Arte, Peixoto Moreira, uma navalha que cortava macia com graça e chiste, dizia rememorando a nobre senhora:

—Uma santa, meus amigos, uma santa!

E era. Espalhava o bem ao redór de si, e de sua filha querida fizera uma creatura interessante e nobre. Maria Helena creara-se nesse Lar todo doçura e bondade, e o seu pae morrera tranquillo deixando-a amparada, casada com um medico notavel e rico, o doutor Jorge da Silva Ribeiro,—cincoenta annos, bella clinica, educação

superior, amavel, lhano, e talvez um pouco fatigado. Era filho do Sul, de outro clima, do bello Paraná.

Amazonense, Maria Helena nascéra em Manáos, — a « Cidade Risonha » banhada pelo Rio Negro e por um sól glorioso e forte.

Educara-se no Rio de Janeiro, no Sion, — portuguez, francez, piano, principalmente. Tivera as simpatias da Madre Superiora, pela sua intelligencia, aplicação, excellente conducta. E fizera-se moça numa atmosphera de respeito e estima, tocada de grande doçura e afectividade. As suas companheiras não a esqueciam, e de quando em quando lhe escreviam saudosas, do Rio, do Paraná, de Pernambuco, de Santa Catharina, de S. Paulo, da Europa, das duas Americas, para onde emfim a caprichosa Vida jogara os seus Destinos.

Maria Helena recordava-se amorosa do suave convivio. E de toda a revoada das suas companheiras e amigas, duma principalmente não se esquecia nunca, a Stella de Lima Bandeira, — esta paranaense famosa pela sua Bellesa e pela sua Graça.

Aquelle seu casamento não fôra bem de amôr. Encontrara um homem superior e bom, que a adorava. Tivera logo uma acentuada simpatia por elle, e como o amôr é ás vezes o habito, — vendo-o todos os dias, com elle conversando, e com as preferencias e insinuações do seu velho

pae, deu emfim o « sim » ansiosamente esperado. O doutor Jorge rejubilara. Parece até que remoçara. Não que fosse um velho, na idade ou na alma. Era desempenado de corpo, até elegante, vestia-se bem, e o espirito esse era moço. E tinha duas grandes paixões na Vida: — Maria Helena e a sua profissão, a medicina.

Casados, elle era todo attenção para a mulher. Incapaz dum deslize, duma grosseria, Jorge era sempre um carinho respeitoso para a esposa.

Era um lar tranquillo, calmo, metodico. A vida corria mansa, sem alteração. A mesma deferencia, talvez a mesma monotonia nos beijos e nos abraços... E Maria Helena sentia que a Vida não era somente aquillo. Tinha a sensação ao ver, ao estudar, ao observar o marido, de que encontrara não um apaixonado ardente como imaginara desde a época do Sion, mas um segundo pae, embora intimo e afectivo. Ella sentia mesmo por elle, insensivelmente, um certo respeito, um certo temôr... Nunca se achara á vontade ao seu lado, na alcôva discreta, e a sua mocidade se continha ante aquelles gestos comedidos e sobrios...

Mas o certo é que a medicina empolgava, apaixonava a Jorge. Este era um devotado da profissão. Humanitario, elle dia e noite ficava ás ordens do doente grave. A' cabeceira do enfermo, velava atento. E muita vez, pela sua rara competencia e abnegada dedicação, salvava-o.

Peixoto Moreira, duma feita, sentenciara:

— Este Jorge anda descurando muito da Maria Helena...

Andava. Noites a fio passava fóra de casa, com os que sofriam. A's vezes só regressava pela manhã, fatigado, somnolento, exausto. Repousava duas, tres horas, — para logo partir no seu Studebaker em perigrinação aos outros doentes. Era um victorioso, e quando passava tinha a simpatia e o sorriso da cidade.

Quasi sempre Maria Helena almoçava sosinha, entediada, — uma ou outra vez acompanhada por amiga. Ao jantar, sim, era certo o marido á mesa, salvo casos excepcionaes. E elle era todo bondade para com ella, desdobrando-se em amabilidades e cortezias, como se penitenciando do abandono em que por vezas era forçado a deixal-a...

A mesa era pequena, oval, muito bem cuidada. Maria Helena, ella propria dava sempre o ultimo retoque. Ao centro a floreira de prata, raza, cheia de margaridas e lilazes. Os cristaes espelhantes, a toalha muito clara. A louça fina, leve, custosa. Os talheres de prata rebrilhavam.

O doutor Jorge sorria satisfeito. A mulher, essa estava sempre bem vestida, com simplicidade e elegancia. Raras joias. E ao seu lado era sempre gentil. Mas, quem a observasse, quem a analisasse, veria que Maria Helena não era feliz. Anda-

va inquieta. O seu sorriso não era franco e alegre, espontaneo e sadio. No fundo do seu olhar havia um certo misterio... E nada lhe faltava, nada! — diziam as amigas.

Uma dellas, a Georgette Sampaio — Georgina se chamava, mas com seis mezes de Paris, voltara assignando «Georgette», — afirmara duma feita num grupo de companheiras, no lindo baile do *Ideal Club:* — Maria Helena é de *chance!* «Moça, bonita, elegante. E' adorada pelo esposo que, homem rico, faz todas as suas vontades e ainda advinha os seus desejos! Creatura feliz!»

Mas, nem o luxo de que vivia rodeada, sem a sua exigencia ou solicitação, nem o carinho respeitoso de que era cercada pelo marido, bastavam ao seu temperamento e á sua alma. Ella tinha no intimo uma profunda tristeza, uma quasi certeza de que a verdadeira felicidade falhara para si. O amôr é a Vida, e decerto preferiria um Lar modesto e limpo, um viver socegado e tranquillo, com aquelle que, escolhido pelo seu coração, fosse todo um ardente desejo, uma reciprocidade sofrega de beijos e abraços, uma dedicação, sim, mas toda ella estuante, amorosa e triumphal!

E tinha ao redor de si o methodo excessivo e a monotonia fatigante. O carinho respeitoso enervava-a. Não seria bem o inverno, mas era o outono... E ella adorava o verão, e amava a primavera!

Maria Helena distendeu os nervos, abrio os olhos profundos e levantando-se disse baixinho, para si mesma:

—Parece que os Destinos andam trocados...

....

ARAUJO FILHO
DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

A POESIA DO DIREITO





Na hora pungente e dolentissima, que a humanidade houve tanger, neste instante da historia; — quando se sente rolarem por terra os mais velhos e penosos ideaes dessa incerta e oscillante sciencia, — que aspira ser, simultaneamente, aquillo que o genio peregrino do Romano chamou a « ars boni et æqui » ; — quando se vê realisando no mundo, — nas expansões de incoercivel brutalidade, aquelle tremendo apophtegma de Emmanuel Kant, — o sabio e terrivel philosopho de Koenigsberg, — segundo o qual, « os sentimentos de compaixão, de ternura são fetichismo da moralidade e sobrecarga escusavel para homens bem pensantes » — é incrivel e aberrante que alguem, de mediocre intelligencia e criterio, na plenitude da razão, na posse integral de suas faculdades criticas e racionaes, — haja de vir, perante homens de lettras, dizer daquillo, que parece na culminancia de crucientissima fallencia.

* * *

Uma Poesia do Direito, seria para muitos, como que um doloroso sarcasmo!

Porque como comprehender que se possa descobrir, perquirir ou sobrelevar symbolos perennes e eternos de Poesia nessa vasta, secular, confusa e indigesta molle, complexa congerie das regras juridicas, das normas de conducta externa,— no systema logico dos freios, que elevam o Homem da sua cathegoria intrinseca de especie, na escala zoologica, até a nobillima situação de membro e orgam da sociedade juridicamente disciplinada; — como sentir uma Poesia do Direito, quando vemos, oscillantes e tremolos uns, — rojantes e resupinos outros,— symbolos e crenças, — regras e preceitos, — codigos e leis?

Entretanto, porque o furor vandalico dos combates, o delirio extravasante do odio humano, — assanhado por todas as furias do inferno, evocadas pelas bruxas satanicas das lendas rhenanas, — vão subvertendo a ordem juridica do Mundo; — mesmo porque maiores são as attribulações deste dia da historia, e crudelissimas as incertezas e perplexidades dos dias futuros, — por isso mesmo que são sangrentas as realidades do presente, — por isso mesmo, é que devemos abrevar as Fontes Castalias, onde sempre, simultaneamente, farto e incontente, se dessedentou o espirito humano.

Porque, ruiram, por terra cathedraes augustas e seculares, — porque bibliothecas e museus foram

torpemente saqueados, — porque cidades e villas, campos e messes, —vidas e honras, foram, estão sendo immolados, sacrificados, porque as carniçarias das batalhas e os fragores dos combates evocam os horrores tragicos, que outrora, a phantazia do poeta Mantuano imaginara deante de Troya, na convulsão dorida das chammas, que carbonisam a desgraçada patria de Priamo;—porque, tantos seculos após, ainda são terrivelmente verdadeiros, horrivelmente flagrantes os versos do sublime cantor da Eneida:

> « *At domus interior gemitu miseroque tumultu*
> *Miscetur -- penitusque cavae plangoribus aedes*
> *Faemineis ululant, — ferit aurea sidera clamor* »...

— porque, estertorante, como o velho Lacoonte, na constricção das serpes horripillantes de Tenedos, parece a Humanidade chegar aquelle *dies erœ* no qual, mais sublime, Job poderia articular, ulular, como o fatidico poeta:

> « — Pereça o dia em que fui nado, e a noite em que se disse foi concebido um homem » ;

—porque a dor e o lucto, a lagrima e o soluço, formam, neste momento, a grande pompa funerea de uma Humanidade, que se esvanece, — devemos, lassos e desmembrados, sem alma e sem fibra, —desfazer-nos desse grande e incomparavel patrimonio humano das crenças e dos ideaes, — que

constituem as grandes immanentes para a grande obra ideal da solidariedade humana?

Não! Não! Porque, sómente, cumpre desfallecer áquelles que não vêem, na continuação e na repetição da Historia, a repetição do mesmo esforço para a consecução de um ideal, — que, se recua ao attingir a meta desejada, — deixa, todavia, largo campo encorporado, um vasto acquesto, aos porvindoiros, que virão accrescentar o patrimonio, assim incessantemente accrescido.

* * *

Fôra sempre o Direito o irmão gemeo da Poesia.

Hebreus, Chaldeus, Scythas, Phenicios, Egypcios, Gregos, Romanos — povos foram, encarnada nos quaes andou sempre a Humanidade a fazer a estupenda perigrinação historica, e que, mais o que em quasquer outros do antigo Oriente, formando a argamassa, ou, antes, a materia plasmica, na qual se vieram debuxar os institutos religiosos, moraes, e juridicos, — gerados, conformados e surtos dessa formidavel placenta, ou melhor, dessa infinita nebulosa, que gravitára por entre as brumas densas do Oriente antigo!

Fôra, por esses tempos, por aquellas eras, perdidas da Historia, — o verbo, a linguagem puramente, exclusivamente poetica, — não, porque

simplesmente symbolica, — mas, sim, poetica, porque rythmica, — e, ás vezes, conscripta em formas metricas, — que se perderam, — advinham-se, através dos *membra rupta et disjecta* — que vieram até nós, empoeirados pelo tempo, fragmentados pelo percurso das edades e chegaram até a nossa epocha analytica, prosaica, e — porque não dizel-o? — cruel e satanica.

Naquelle caliginoso syncretismo primitivo, o verso se confundira com a Lei, porque no verso se promulgava a Lei.

No immenso planalto da India, o Pastor, nas suaves noites de primavera, comtemplava as estrellas longinquas, que eram a mansão das almas, que se partiram e que voltariam um dia ainda, melhoradas da convivencia dos deuses: — fazia religião e era o primeiro astronomo; — e, como fosse pastor, cantava... E os seus canticos encerravam as primeiras e balbuciantes regras de conducta, — já sanccionadas por meios omnimodos e syncreticos.

Recolhidas, mais tarde, em Livros Sagrados, só entendidos e interpretados pelos sacerdotes, (que eram, ao mesmo tempo, juizes e poetas), — por meio de symbolos, ingenuos, ás vezes — ás vezes, ferozes, — esboçavam-se as primeiras linhas de um corpo de Jurisprudencia, — pela qual se regeriam o casamento, a filiação, o parentesco, o repudio, (forma do divorcio primitivo), a agnação,

a propriedade movel e immovel e as relações complexas da compra e venda, do salario, da locação de serviços, e todas as possiveis relações juridicas, — hoje expressas em codigos, pacientemente elaborados, em sabias assembléas de juristas e philosophos.

O Direito era, assim, no velho Oriente, como um vasto Poema religioso e moral, no qual o verso formulava, em cadencia symetrica, o processo e as demais formulas de dirimir as luctas e os conflictos, que se devem imaginar tanto mais crueis... quanto mais espontaneas e constantes ou diuturnas, por aquelles tempos.

Na chaldéa, — transbordante de lendas e fabulas, que são como echo apagado de eras immemoriaes, — Nemrod, que, na linguagem dos livros santos, era «o poderoso caçador perante o Senhor» — foi poeta e sacerdote, e, nessa duplice investidura, dictou leis e regeu povos.

Ali, tambem, Norgal, o cognominado — «o grande heróe, o senhor das batalhas, e o campeão dos Deuses, — tendo a forma de um leão toucado de uma thiara estrellifera, — codifica as primeiras leis, perfaz as primeiras regras costumeiras, regulariza os casamentos, conforme as primeiras corporações operarias para as construcções caracteristicas daquelles povos, daquellas gentes... E, até nós, echôa a lenda heroica da Torre de Babel, — symbolo do trabalho realisado pelas

correntes emigratorias, — ou tentativa das primeiras luctas contra o regionalismo, já incipiente no homem.

Ali vemos o dote estipulado no casamento de Semiramis, que, filha de uma deusa, — deixa-se raptar, (e o rapto era a forma primitiva do casamento) — por um simples mortal, — o principe Nino, — que revestia para a formosa donzella o multiplice prestigio de ser poeta, sacerdote, legislador, fundador de Ninive...

E essa famigerada Semimaris teve, sob o seu tumulo, uma inscripção, que dizia: — « A natureza deu-lhe forma de mulher; mas viu quatro mares, onde ninguem chegara; fecundou a terra; obrigou os rios a correr por onde queria, abrio estradas e rochas a ferro frio; fez leis para os seus povos... ainda lhe sobrou tempo... para amar!...»

Amante e legisladora! Formosissimo symbolo, que nos demonstra, farte, que, si a verdadeira poesia gyra sempre em derredor dessa eterna illusão magnifica de amor, — o amor não se dedigna de aninhar-se no peito de quem fórma e organiza um povo, formula-lhe as leis incipientes, — cantando, sob os mesmos salgueiros da Mesopotamia, epinicios e leis, sob o mesmo verso, dentro do mesmo rythmo!...

*
* *

Prosegue o Homem a sua marcha para o Occidente, no rumo do Sol e vem ás margens do Mar, — dentro das cidades, feitas de cannas, de papyrus, — mesmo através dos ritos sangrentos e crueis,— cantar em versos, asperos umas vezes, dolentes outras, as suas primeiras leis — elevando ás primeiras columnas dos seus templos, — como reza a lenda sidonia desse famoso Samerum,— que, nos rochedos batidos pelas ondas do Mediterraneo, — lançava e semeava as origens das gentes, que, na antiguidade remotissima, teria de, inebriados de salsugem, irromper até o Atlantico, — o *mare magnum ignotum,* e na dolencia das ondas, levar ás terras de Hespanha a lingua aspera e poetica, o direito rude que antecederia ao Romano.

Mas não ha mistér acompanhar essas gentes syrias na sua larga peregrinação pelos mares. Detenhamo-nos na plaga adusta de Africa e admiremos ali formar-se um povo, — de cujos restos, saturados pelo amor inconsutil da esposa de Sicheu, — daquella infelicissima Dido, rainha de Carthago, — por onde transitaria, profugo e ingrato, Enéas, o filho dilecto de Venus, em busca das praias de Latium, — onde se levantaria, em breve, de um nevoeiro de lendas heroicas, aquella gente nobre e forte, que foi precipuamente um povo de juristas e de poetas, — cuja primeira codificação — essa tão falada Lei das Doze Taboas,

era chamada *magnum et eternum carmen*, — grande e eterno poema...

* * *

Estamos nas margens do Tibre.

Inicia-se a grande labuta eterna.

Vae terminar a velha syncresia das leis religiosas e das lendas.

O labor foi insano e secular, através de tempos que se não pódem precisar.

O phenomeno juridico vae apparecer autonomo, erecto, emancipado, expurgado dos idéalismos do Oriente, das ferocidades da Syria, do Egypto, minorado do proprio sacerdotilismo, que lhe era como uma caracteristica indelevel, — quando andava pelas regiões da Asia Occidental, — nas nebulosidades das austeras gentes semiticas.

Vamos ver um direito exclusivamente humano, ou, antes, humanisado...

O Romano, pratico e féro, egoista e forte, tem como que a presciencia de que lhe fôra confiada providencialmente a mais elevada predestinação...

Elle faz e formula o direito como quem satisfaz a mais trivial, a mais ordinaria das necessidades sociaes.

O direito é para elle uma funcção de ordem interna, aristocratica, predicativa das gentes no-

bres e patricias, que se haviam superposto aos primitivos habitantes daquella região da Peninsula Italica.

Tudo poderia germinar n'alma severa e grave, austera e rude, do Romano das primeiras eras da Cidade,—tudo poderia aquella gente conceber,—menos um Direito, que ainda marcas originarias dos primitivos germens poeticos, do que desenvoluira, trouxesse impressas no seu organismo,—impregnadas visceralmente nas fórmas externas e cultuaes, como na essencia organica e subjectiva.

Pois bem; ainda assim, ali, merecêra o conjuncto multiforme, formalistico, ritualistico, praticado nos adytos dos Templos, no Forum, nas lindas territoriaes, inspiradas pelo poetico Deus Terminus — directamente sentido e vivido pelo Povo soberano, sob os marmores do Senado,—pronunciando e editado pelo Pretor, promulgado posteriormente pelos Imperadores,—inspirado uma casuistica minudente e rigorista, surgindo sempre da hypothese para se transmudar na regra generalizada; — merecêra, o velho Direito Patricio que o espirito sublimado de Giovanni Battista Vico, — o sociologo asceta e grandioso, — o genio inspirador dos philosophos das novas edades, — editasse esta sentença, — que, por si, vale mais que quantas conferencias podesse o vosso pobre consocio formular, em toda uma longa vida de labor juridico:

Tutto il antique diritto fu un serioso poema, che se se representava da Romani nel Foro e l'antica jurisprudenza fu ua severa poesia.

A jurisprudencia foi um poema e todo o direito dos Romanos foi uma severa poesia. . . . .
. . . .

Não fôra o dever que me impuzestes, — estaria terminada a minha tarefa com as simples e magnificas palavras do grande napolitano, que não foi um poeta, no verdadeiro sentido do vocabulo, — antes um austero pensador e philosopho, reivindicado pela philosophia moderna como um dos pro-homens do pensamento humano, — o verdadeiro formulador da celebre lei dos tres estados, que Augusto Comte desenvolveu e illustrou.

Assim resalta que nem aos philosophos e graves perscrutadores das leis da Historia escapou esse caracter poetico que as assignala, não só na sua origem, mas em toda a sua evolução, as construcções juridicas.

Quereis ver como, assim mesmo, nada mais é de que um grandioso poema essa immortal jurisprudencia dos Romanos?

Estudae-lhe as varias fórmas do casamento — da constituição da Familia; — perscrutae as pompas da *Confarreatio* e da *Coempetio*, — naquellas, sobretudo, — onde um pão de avea *(far)* symbolizando *a communis viœ consuetudinem con-*

tines; estudae-lhe os ritos poeticos, as formulas repletas de uma esthesia symbolica,—a adopção, a adrogação,— a posse ao desprender-se do dominio quiritario, protegido por Deuses tutelares; —penetrae o direito das obrigações, e vereis em cada um desses varios institutos uma symbolica poetica e encantadora, ás vezes até ingenua,— sobrevivencias irradicaveis do genio poetico das creações juridicas.

Vereis na propria linguagem como ainda perduram essas sobrevivencias do genio do jurista romano.

No direito processual, então... tudo é symbolo, mytho, poesia.

A hasta publica, ainda hoje, que é senão a symbolica lança que se erguia perante o Tribunal dos Centumviros, para dirimir as questões de propriedade?

Mais tarde o vocabulo — arrematação — generalizou-se e como que, apparentemente, se prosaizou. Todavia, deriva elle do ramo symbolico que se entrega ao comprador como um signal do contracto que se perfez e se formalisou com as solemnidades da lei.

No Direito Publico, ha entre os Romanos um instituto donde, fragrante e olorosa, parece brotar um forte sentimento de saudade, — percuciente e amarga — da saudade, — este tão doce e estranho sentimento de almas suaves, que parece,

por vezes, incomportavel com a fereza e austeridade do caracter romano.

E' o *post-liminio.*

O Romano foi guerreiro e conquistador.

As suas aguias invenciveis foram da Asia remota ás terras dos Bretões ás dos Scandinavos, — do Hollesponte ás paragens longinquas dos Sarmatas, Dacios e quantos povos se alongavam pela antiga Europa. Ora, era natural que o cidadão romano, que cahisse prisioneiro do povo inimigo, — tivesse, dentro da patria distante, — onde lhe ficavam os manes dos antepassados, a familia, o campo e a charrúa, — não perdesse a integralidade dos seus direitos.

E não perdiam! Eram considerados, por uma ficção tocante, como se estivessem *postlimen* — por detraz da porta, — no limiar da casa. E, ao tornar á Patria, o seu patrimonio juridico não tinha soffrido a minima diminuição: — Só uma restricção se fazia a esse magnifico e formoso direito... E essa consistia em que, prisioneiro, jámais se rendesse á descripção.

Nessa propria limitação, ha uma demonstração daquillo que se póde considerar a mais nobre e a mais altiva das poesias, — a Poesia do Caracter...

Dizei-me, senhores, si lá, em tão longinquas, distanciadas epochas, foi ou não o direito aquillo que o filho do pobre livreiro de Napoles dizia em

principios do seculo XVII — « uma severa e nobre poesia ».

. . . .

Mas... sentimos, agora, o estrepito dos guerreiros loiros e ferozes, que desciam do Norte, portadores de novos costumes e tradições proprias, — trazendo ao mundo uma nova intuição, que se vinha fundir com uma outra, tambem recente e coeva, que espontara no Oriente e viera pelos labios dos humildes discipulos de um Rabbi, que nascêra num estabulo da Galliléa.

Realizava-se a prophecia do Poeta pagão: — *Magnus ab integro seculorum nascitur ordo.*

Vencera o Barbaro. Mas a poesia austera do Direito, perfeita e translucida, que os vencidos haviam performado no labor de muitos seculos, — venceu a elles, — os vencedores !.. .

Mais ainda, — esse direito, que parecia compacto, uno, granitico, inadaptavel, — serpêa, collêa por entre os institutos nativos das hordas do Norte — e, em breve espaço, serpêa, collêa de novo e infiltra-se por entre os institutos do Invasor, adaptando-os, romantizando-os, — na mais logica e intelligente das transacções, a um por um, daquelles institutos peregrinos, que assim vêem a florescer sobre as grandezas decadentes do Grande Imperio.

No Barbaro existia um forte sentimento de

Poesia, que transudou na longa e tormentosa gestação medieval.

Quereis sentir-lhe a fragrancia por um exemplo, pois a natureza dessa conferencia não comporta dissertações eruditas e prolongadas.

Tereis nessa parte do direito, onde mais forte, entre todos os povos e em todas as epochas, é o sentimento poetico do conjuncto das regras que constitue a essencia e a finalidade do phenomeno socio-juridico.

Ahi, — no direito da familia, encontrareis esse poetico instituto, que não é propriamente o dote e que não tem similar, senão muito rudimentar, entre os povos da velha India.

E' *morgengabe,* — o doce e suave presente da manhã.

Fala o marido á joven esposa na manhã seguinte ás nupcias.

Rescende um perfume tão poetico, tanta poesia, casta e pura, se evola dessa creação juridica que, só por ella, poderiamos dizer que não ha direito sem uma forte saturação poetica.

. . . .

* * *

Em plena idade média, quando se começa a sentir a necessidade das grandes codificações, de que o romano déra exemplo, na sua esplen-

dida maturidade, surgem as primeiras tentativas. E, nessas, as proprias denominações que appellidaram e celebraram esses primeiros surtos de organização synthetica, — demonstram a persistencia inveterada deste extranho pendor poetico que trabalha os espiritos dos homens que cultúam verdadeiramente o Direito.

Vereis codigos minudentes e casuisticos, extensas e informes collecções que se chamam, para tormento e desespero dos espiritos prosaisantes, — « Flôr de Magdeburgo », « Espelho de Saxe », « Espelho da Suabia ». etc.

. . . .

Quereis approximar do povo mais nosso convisinho e de onde recebemos, em primeira mão, o nosso actual organismo juridico?

Quereis vêr como o velho Portugal, que tanto resistira, desde a alta historia, ás invasões, — dos carthaginezes de Hamilcar e Annibal aos romanos de Julio Cezar e Augusto, — deu um cunho singular de innata poesia forte e resistente á propria assimilação medieval?

Perlustrae toda essa formosa e original legislação foraleira. E em cada foral, aspirareis esquisito olôr poetico, em cada passagem sentireis forte emoção idéalistica, no meio de toda aquella legislação incongruente — ás vezes ridicula — para quem lhe não sentir a intensa espiritualidade.

O juramento da *mauquadra,* os resquicios das velhas ordalias, já mais christianizadas, as esquizas, o *veregildum,* — como reminiscencia do *whergeld,* — a aída, — essa ainda que genuinamente goda, resentindo-se de forte resaibo barbaresco: — e quantos outros... são certamente institutos, sobre os quaes ondulava, na sua diaphaneidade, o manto da idealização poetica...

Para que perquirir minucias e pesquizar origens, para demonstrar-vos que o Direito, a Religião e a Poesia nasceram no mesmo dia, modelando, na mesma simultaneidade, o caracter e o coração?

....

Assim, fazendo a poesia do Direito, façamos, senhores, a poesia do caracter.

WASHINGTON MELLO

CELSO VIEIRA



I

A VISÃO ESTHETICA



SUPREMO esforço do artista para a consecução do ideal que o reconforta é justamente o motivo que de perto lhe acompanha a constante aspiração do espirito. Vale pelo sentimento que inspira essa attitude mental; crêa e labora a tortura da idéa, a sensibilidade é subtilissima, dada a preoccupação de surprehender outros tantos modos de concepção dos phenomenos de arte. Dahi o culto da Belleza, com esse amôr e admiração á propria Vida, á Natureza, tão recommendaveis na esthetica de John Ruskin.

Celso Vieira, o singularissimo estheta, accomoda o ideal contemporaneo nos limites de uma larga visão de arte. No impeto das fantazias está a ponderação de quem reflecte acerca do que

constróe e systematiza, e a faculdade de observar attinge desenvolvimento relativo ao estado de subjectivismo mais ou menos intenso que impulsiona os fervores do artista. E de tal fórma o espectaculo da realidade lhe agita a alma, que a esta apparecem as imagens como successivo desdobramento da sentimentalidade constructora. Nada póde arrefecer a superabundancia de imaginação que lhe dá o caracteristico por excellencia.

No requinte de suas nevroses ha os meritos de poeta finissimo da prosa; a graça da emoção esplende em cada periodo ou no contraste dos vocabulos; o cuidado de bem ajustar o pensamento concebido avulta na adaptação de uma linguagem adequada, onde o capricho da fórma empresta melhor realce ao rendilhado da phrase.

A' proporção que lhe cresce a ansia de concretizar o sentido exacto de nossa correspondencia com o mundo exterior, mais a necessidade de analyse o induz a particularizar, ao sabor da critica esthetica, a coordenação dos valores que lhe suscitam idéas. A curiosidade do pensamento deixa antever, então, sob a feição de symbolos geraes, um vago scepticismo da alma que se extazia ante a Belleza e para quem a realidade ambiente é sempre um phenomeno extranho. A observação da natureza animada e inanimada procura incutir-lhe o sentimento da existencia universal, e uma intuição elevada aspira a todo o

transe decifrar o mecanismo das forças vitaes e cósmicas, extraír verdades um tanto positivas, obedecidas as considerações philosophicas, a metaphysica e os dados da experiencia.

No ENDYMIÃO está resumido o secreto desejo que procura no conhecimento das cousas o illimitado poder das suggestões espirituaes; é a harmonia dos phenomenos para a uniformidade e synthese do pensamento, e, acerca das varias manifestações que as contingencias da natureza induzem — Força, Energia, Movimento, Espaço, Tempo, Belleza e Perfeição, — reveste, na convicção dos postulados philosophicos, a autoridade de sentença proferida pela voz austera dos doutrinadores... O symbolo de Karya faz-lhe ver a essencia das cogitações de arte, sob o influxo das diversas systematizações que o homem tem construido no afan de comprehender e desvendar o mysterio da Creação. As particularidades de cada ordem de idéas, no ponto de vista dos respectivos principios, assentam concepções dissemelhantes na argumentação do que estabelecem; a medida das ponderações acompanha os rigores da sciencia e do idealismo. Então, todo o esplendor dessas remotas theorias assignala as etapas de um grande sonho, que a mente humana ha millenios pretende realizar, tanto que lhe não faltem forças para tal, e a imaginação, em ple-

thora, jamais descure da curiosidade que a impelle para essas regiões transcendentes.

Os elementos e as cousas em geral, as contradicções e os assertos, a fórma material da Natureza, contribuições psychicas, o Homem e a propria intelligencia no sentido absoluto de suas funcções, revivem, a proposito do mytho do pastor visionario, na lição que nos legaram os maiores philosophos da antiguidade, e Celso Vieira centraliza na visão endymionica, por entre nevoas de phantazia, a serenidade dos conceitos que a palavra dos mestres prefixára como axiomas irreductiveis. Platão ou Aristoteles, Thales de Mileto ou Anaximandro, Empedocles ou Pythagoras têm, cada um de per si, concorrido para a justa interpretação do milagre de Karya. Homero, Phydias, Aristophanes e até mesmo Diogenes completam o grupo dos maximos decifradores desse extase em que se prostára inteiramente o zagal hellenico.

Para cada uma das especulações da philosophia grega, o sonho de Endymião é um aspeto de belleza e uma pagina de psychologia esthetica.

O traçado da vasta synthese em que perpassam bem no amago o sentimento religioso e a orientação mystica, explica, em virtude de larga reflexão do espirito, a necessidade de systematização que o genio humano constróe da generalidade das cousas.

A tentativa racionalista que acredita firmar no enunciado de hypotheses os dados para o conhecimento especulativo dos elementos, vae nas pégadas do raciocinio intuitivo. A intuição lança os primeiros alicerces da sciencia e a idéa de uma concatenação de principios nasce da consciencia mystica. A' medida que a reflexão se avantaja e o espirito progride; desde que a velhas crenças succede, graças ao recrudescimento de novas idéas, a concepção religiosa mais proporcional ás transformações da fé, o homem dá livre curso á capacidade de investigação, e ahi começa o trabalho do espirito e da razão para arcar com a impenetrabilidade do desconhecido, decifrar-lhe a significação intima e consecutivo esclarecimento da realidade em que nos agitamos.

A revelação dessas verdades pouco a pouco amortece a interferencia arbitraria dos deuses. Ha novas luzes sobre as obcessões da indole popular, pois que já se amoldára á feição completamente outra o predominio divino.

A justificação do que soffrera o credo religioso explica o sentimento idealista que envolve arte e sciencias gregas.

A nova interpretação que se havia dado aos mysterios e á reflexão, acerca de uma theoria racional do Universo, criou os primeiros principios da philosophia, que eram correspondentes á consciencia especulativa.

Dessa propria attitude mystica, e através da tradição que erigira o patrimonio religioso com ritos, lendas, allegorias, a imaginação demonstrava a successão de actos multiplos e diversos, que, sob o imperio divino, abrangia contradicções e absurdos inconcebiveis.

Essa insufficiencia do estado primitivo de crenças levou a philosophia a desenvolver uma sorte de concentração de principios, em que eram focalizados com melhor directriz a realidade e o homem, a supremacia da razão no contacto com a materia universal.

A pesquiza da verdade inspirou o exame das cousas que tocavam directamente á observação: o complexo das fórmas, as leis, a heterogeneidade do mundo physico, visto no seu conjuncto amplo.

O resultado dessas indagações suggere á consciencia a certeza de nova orientação espiritual: o raciocinio conduz á idéa precisa do *eu*, á grandeza do pensamento em si, porque é o factor preponderante para bem avaliar do chaos em que o homem se debatia.

Para conhecimento do universo, relegada como inutil a obrigatoriedade de fantazias, mythos, symbolos, magias e sacrificios, o espirito philosophico juntou ao sentimento divino a verdade da consciencia.

Essa philosophia, que á sombra da razão

pura tentou conciliar o pensamento especulativo e a essencia da vida e da organização dos sêres, firmou a concepção do idealismo transcendente, em vista da correspondencia entre o estado da crença no aspecto intelligivel dos elementos e symbolos, e o culto do immaterial adaptado ás leis e ás verdades geraes.

O fim moral que subsiste na hypothese idealista, pela necessidade de coherencia intima com o sentimento da existencia, concorre para a integração de uma finalidade esthetica, como justa consequencia da actividade psychica, no afan de representação ideologica da causa e das perspectivas universaes. O movimento do pensamento, para reconforto da sensibilidade esthetica, satisfaz, nos limites da curiosidade scientifica, a esse desejo de harmonia constante, que a alçada das percepções divisa ao proprio *eu,* no effeito immediato de suas normaes caracterizações.

Celso Vieira procura manifestar através do mysterio endymionico o grande symbolo do idealismo grego. As indagações do espirito vão ás regiões metaphysicas; e os motivos da lenda desdobram-lhe á imaginação o mundo de belleza e conhecimento, que foi a alma da philosophia hellenica... A revelação do enigma o genio grego transcende: é vontade, aspiração, sabedoria, perfeição e serenidade. Tudo leva o artista a esse exame das cousas e das idéas; essa perpetua

illusão tem fundamento e reflexo no homem. A trama subtilissima das imagens recorda a fascinação e as tentativas da intelligencia para effectuar a comprehensão do segredo inviolavel. A lucta é renhida. Dentro do circulo de suas legitimas forças a consecução do ideal não mede obstaculos: é incalculavel o poder da suggestão. Nada perturba o desejo e a perspectiva de avaliar, a credito de sophismas e definições, a realidade cósmica. É a interrogação ao phenomeno da existencia perdura sempre nas primeiras intenções humanas.

Do amago das pesquizas a proposito do sonho de Endymião mostra Celso Vieira, por sobre um turbilhão de duvidas e de contradicções, a ansiedade do espirito nessa peregrinação á Paz, ao Bem e á Belleza; o artista ajusta á lenda grega as suas emoções palpitantes, emoções tão varias quanto mais dissimuladas na successão de escolas e theorias que os seculos têm visto surgir e progredir... Os transportes sequiosos da alma levam-no ao mesmo extase do pastor adormecido. A meditar e a sorrir, encarcerado na doçura de fundo subjectivismo, vae, na vertigem do sonho, a justapôr á grandeza das idéas que lhe suggere a juventude sempiterna de Endymião, o idealismo que esse mesmo symbolo encerra.

II

O ARTISTA

Celso Vieira é um espirito affeito ás velhas e ás novas idéas litterarias. Temperamento de raro observador, o artista exsurge no vigor da phrase harmoniosa, com mil seducções e encantos peculiares á linguagem, onde o luxo do vocabulo sonoro apparece a illuminar periodos e mais periodos. E' a fascinação da arte-plastica, desbordante de anceios de perfeição. As palavras formam entre si uma continuidade interminavel de bellezas, que nos trazem os ouvidos em extase; a scintillação da idéa, o aprimorado da fórma, vivem nas filigranas do estylo penetrante, que attráe, impressiona e aturde. E de accordo com as exigencias da imagem ora assume a flexibilidade voluptuosa no eternizar caricias e affectos passionaes, ora pretende circumscrever scenarios e sensações, na perpetuidade do mesmo rythmo de evocações.

O poder de actualizar os estados de alma do passado, identificando-os com a obra e os sentimentos contemporaneos, preoccupa-lhe os arrojos de imaginação, irrompe na audacia dos paradoxos até esbarrar na placidez das verdades reveladoras.

Vibram com todos os ardores na prosa de

Celso Vieira, a singularidade do gosto alliada ao bom senso, a sinceridade das convicções abundantemente plasmadas na sequencia do vocabulario rutilo.

No amplexo do enthusiasmo e da força creadora, no accordo do subjectivo e do momento social, brota a pompa das imagens revividas com os seus intuitos maravilhosos de poeta. E no segredo de comprehender e sentir, na ancia de prescutar, na febre de lapidario da emoção, o artista, delicada sensibilidade, com o poder de observação que attesta uma lucidez de analyse nunca desmentida pela intensidade da expressão objectiva, jamáis póde conter a exaltação lyrica e as emoções experimentadas, que lhe trazem a alma em nevrose...

Ha no *Endymião* paginas que reflectem todo o prodigio desses interminaveis sonhos de estheta... A proposito da arrogancia bellicosa de Gabriel D'Annunzio, poeta e soldado heroico, que realizou *«esse vôo épico sobre o arsenal de Trieste»*, Celso Vieira, através da costumada opulencia de sua arte, relembra, á guiza de ensaio rapido, a aspiração vehemente que lhe acoberta os impetos de guerra. A acção decisiva do artista é um signo presago. O feito patriotico conduz ao advento de um phenomeno curiosissimo: esplendidamente irmanadas, irrompem na mesma alma a energia das pugnas laureadas na velha tra-

gedia hellenica e a consciencia do ideal latino... A influencia dos antigos antecipa-lhes a realização das idéas victoriosas. Celso Vieira mal póde suster o enthusiasmo irreprimivel que lhe proporciona a juncção da idade de ouro dos Eschylos e dos Sophocles á das calamidades hodiernas.

A intrepida audacia de Gabriel D'Annunzio é razão para que o estheta dê largas a conjecturas e a fantazias, maximé ao senso critico admiravelmente esclarecido. A' sombra dos intuitos do heróe, a imagem literaria freme impetuosa; e a evocação do ideal de arte dannunziano auriflameja na expansão de suas metaphoras impressionadoras... D'Annunzio é o revelador de uma arte imponentemente aristocrata, é o super-homem que se personaliza nas mais eloquentes figuras de sua obra; a paixão, as extravagancias, a ansia da conquista e da gloria, consubstanciam na fórma e na sonoridade do estylo a potencia de suas lutas interiores; confirmam na ardencia dos romances e das novellas, das tragedias e dos dramas, a sinceridade e o mesmo arremesso de mocidade esbravejante, que o artista, prodigo ao excesso, espalha indistinctamente no decorrer de paginas que mais lhe enaltecem o poder herculeo e a sobranceria, a indomita arrogancia das concepções de arte e de belleza.

Em Celso Vieira as qualidades do estheta acompanham as aptidões e a pujança do mane-

jador de vocabulos. A naturalidade com que revive, na urdidura dos entrechos, a existencia quotidiana das gentes; a espontaneidade dos dialogos, a descripção dos scenarios, o pantheismo, sempre nos empolgam pela nitidez da vizão com que são apanhados e interpretados.

Ao lado dos magnificos dotes de intelligencia, o artista ostenta vasta cultura humanista.

Nessa obra pullulam conceitos varios, que abrangem idéas patrocinadas pela actividade da sciencia e da philosophia. Incomparavel na comprehensão da belleza e do sentimento de arte, ha nella um traço fundo de idealismo, e ás vezes, o apuro da emoção faz pensar em Anatole France.

Essa attitude literaria bem adapta ao modo de sua esthesia aquella graça tão exclusiva e deliciosa, o leve scepticismo, que eternizam a sensibilidade attica, alternativamente ironica e suggestiva, espiritual e sóbria, do pensador do LE JARDIN D'EPICURE.

A mesma cadencia, o mesmo vigor das imagens, o colorido raro a mais não ser, e a idéa vaporosamente encantadora resultam na claridade dessa prosa sumptuosa, num deslumbramento feerico de pedrarias; as creações nascem no tumulto das aspirações, clamam em unisono, e a resonancia dessas vozes vale por uma irrequieta exaltação. Para os successivos estados de alma, o artista de mais em mais se desdobra nos fremitos da ima-

ginação fecunda. E' atilado pesquizador e, mais que isso, psychologo attento; nótifica, detem-se ante as minimas particularidades das cousas. Sobrepuja na faculdade de apprehender a existencia e a realidade dos factos a somma de belleza que em tudo divisámos, pois, nessa ingenita preoccupação, insensivelmente, o espirito se entremostra com os valores que lhe superiorizam o engenho e a vantagem das possibilidades artisticas...

HOMUNCULUS é a ironia com uma especie de mordacidade zombeteira, ironia que se extravaza no riso irreverente e malicioso desse trasgo — castigo atirado á mesquinha situação humana e aos nossos alardes progressistas... HOMUNCULUS é um erudito «*nascido entre Mephistopheles e Fausto, á maneira de um atomo gyrando entre a aspiração do Bello e o prestigio do Mal...*»

A concepção ironica de HOMUNCULUS visa pôr em cheque os exageros da orientação social hodierna, o nosso atrazo como povo e como organização, as nossas idéas, artes e costumes. A gargalhada de HOMUNCULUS é uma arma ferina... «HOMUNCULUS *ria da nossa pequenez humana!...*»

Celso Vieira symboliza no HOMUNCULUS a satyra corrosiva contra o burlesco das nossas empafias de homem.

DÉA PALMARIS é uma affirmação de arte

pantheista. E' a apotheose á luz, á transparencia do céo, á vegetação que sombreia morros e alcantís, encosta e outeiros, para o relevo da paisagem tropical. A oração do artista dignifica na palmeira o régio ornamento dos nossos panoramas agrestes; e esse cantico de amor, que lhe é votado, porque lhe enobrece a singeleza contemplativa, desdobra-se no preludio de uma symphonia passional, tanto lhe emociona a compustura solitaria, a elegancia e a fórma esbelta dessa arvore scismadora, quer na planicie, quer no topo das eminencias da terra, erecta, a baloiçar os leques lentamente, á maneira de enormes flabellos, num perpetuo adeus á Vida e á Creação!...

Em FRONDELIO E SUAS ARVORES é ainda o pintor inspirado da natureza.

A ELEGIA DA TERRA «*póde-se affirmar sem erro, é a finalidade do symbolo mental do Endymião*».

Atormenta-o o problema da finalidade do mundo. O espirito humano debate-se nas suggestões do incognoscivel.

Através das idades, a voz dos prophetas, os dogmas religiosos e as insinuações da sciencia prevêm o epilogo do drama universal, essa hora de exgotamento de energias, momento de lutas e convulsões geologicas, em que desfallecerá a vitalidade no desbarato vertiginoso dos abysmos... O entrechocar dos planetas no espaço,

a oppressão da atmosphera, as velocidades e as brumas, levam a Terra nesse gyro continuo para a completa ruina. O *Homem* assiste, já um tanto sceptico, á pugna dos elementos... e mesmo assim, sobre a desolação e a immensidade da Terra, logra perceber, num instante de renascimento espiritual, a força da vontade que vence o desejo que domina... «*A energia humana reconstruirá o mundo, vibrante de gloria, sobre a desolação dos escombros: Zarathustra deixou a sua caverna e abençôa a Vida no alto da montanha!*»

Celso Vieira centraliza na idéa *mater* da ELEGIA DA TERRA as considerações estheticas de sua arte e o credo philosophico: arte é renovação, é, sobretudo, por entre o labor constante e a evolução geral, o indice da sensação espiritual. A attracção da belleza é perpetua: arte é sensibilidade, é a dynamica da Vida na integração dos seus maiores designios.

Em consequencia do fundamento esthetico, a verdade philosophica é um complemento da idéa artistica: a concepção metaphysica mostra á alma o systema das conjecturas utilitarias. O avanço das applicações progressistas é o centro da gravidade da sciencia. As affirmativas bergsoneanas refundem as attribuições da consciencia, na esphera psychica, ainda para melhor evidencia desse principio de evolução.

Celso Vieira fórma syntheses admiraveis de

arte, relembra figuras e as evoca com desmedido relevo. A penna do artista faz milagres... FACUNDO QUIROGA, aventureiro e caudilho, o terror dos pampas, o homem féra é disso a mais segura comprovação. O perfil moral, a compleição physica, a hediondez do barbaro campeador, despertam-nos curiosidades e enlevos.

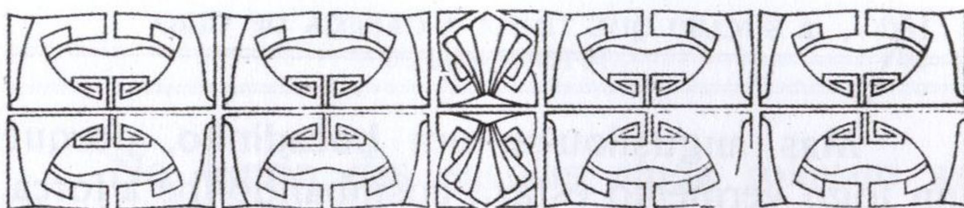
Nas chronicas enfeixadas no O SEMEADOR, não desmente os attributos formosissimos do espirito: como o visionario do Karya, o artista, no embevecimento de si mesmo, tudo vê sob a influencia das fascinações lyricas, e quer a juventude da alma, a perfeição, o prestigio da Belleza... Medita como o pastor grego; o coração adormece a sentir nas palpitações reiteradas a infinita doçura de amar, e a intelligencia que prescuta e decifra, feliz porque a revelação dos mysterios é motivo de sérias cogitações, pensa demoradamente...

A inefavel delicia de comprehender a realidade do espirito e da materia aspira concretizar o ideal do Endymião que sonha em cada alma.

ABGUAR BASTOS

A SUCURI QUE TINHA A CABEÇA DE OIRO

A ARAUJO LIMA



I



UM olhou para os olhos do outro. Espiaram as ultimas pregas fronteiriças do Tocantins e ficaram fatalisados.

O mais alto falou:

— Jão! Está muito longe o fim. O', Jão, muito longe! —

O companheiro espiou para as bandas do nascente, como se esperasse um daquelles deuses alegres que o pagé tupinambá lhe ensinara.

Um clarão involuntario boiou de dentro, chispando. E êle riu-se, sem saber de quê.

O que falara estava de pé e não se mexia. A sua figura encardida e morena estatelava-se nos olhos do amigo, como um retrato de sofrimento.

Jão falou:

— Queres continuar este sacrificio? Tens uma coragem comprida e uma ilusão que não acaba. Vae. Eu fico. — Riu-se, de novo, atôa.

Mas angustiou-se um bocadinho, porque um fogo vermelho estava cosinhando-lhe a força, encima do corpo. Eram zoadas, quebrantamentos e um grande amargo que pulava da bôca, entre vomitos verdes.

E a febre ia. Mas voltava. E aquilo não passava mais.

Jão, derreado, batia os joelhos, batia as mãos, batia os dentes — batuque da convulsão, com duas pupilas amarelas atravessadas no gambá.

Bento Teixeira é quem falara do milagre, isto é, das praias de oiro, num rio que êle achara, depois do delta.

Contara-lhes Bento, uma noite, coisas extraordinarias. Êles ficaram, depois, sosinhos, zurzidos de assombro, Jão e Sabino, com tremedeiras para o arrojo. Mas esqueceram.

Anos depois surpreenderam a conversa de dois portuguêses, sobre outro rio, ainda mais fabuloso que o rio achado pelo Bento.

A tremedeira, então, voltou. Fez maré. E quando veio a lua cheia, lá foram, Sabino e Jão, atraz do oiro do Pacajá.

II

Tanto tempo! Ali estavam mais pobres do que nunca, um olhando nos olhos do outro.

No fundo das sacolas ainda rolavam as moedas de algodão, de certas permutas em S. Luiz.

Para que serviam?

Saltaram na garupa da Desgraça. Estropearam as noites com esporas fantasticas. Tingiram os cabêlos com a tréva humida dos abismos. Combateram com os «mosquitos brabos» — exercitos terriveis que a Nação dos Esfolados jogava á frente dos intrusos. E nem ao menos um susto bom para enganar os sentidos...

O', Ibiapaba! O sol tufava a marezia e encima da marezia pregava escamas multicôres. E êles ficavam escamando a cordilheira, com terçados de arco-iris.

Lembravam tudo, agora. O irremediavel comera-lhes a cuíra com grandes colheres de infortunio.

Nem amigos, nem roupas, nem comida, nem oiro! Julgavam-se até menos felizes que do primeiro encontro com os Barbados, no meio da Costa.

Por que não ficaram na Ilha do Sol, entre os Tupinambás?

Por que não ficaram no Caeté?

Bem que a canôa furara tres vezes em Murtigura.

Bem que o piraçununum roncara profundo, na hora da saída, ainda cheirando o Gurupí.

Queres ficar? Stás doido, Jão! — Um hiato afinou o silencio.

— Jão! Quebra essa febre. Eu não te deixo. Vencemos ou morremos abraçados. —

Jão não ouvio. Estava remexendo por dentro.

Naquelle momento, sem relogio, através das folhas quietas, Sabino adivinhava o sol.

— Jão! Se nós atravessamos o Nheengaíba, por que é que não atravessamos a doença?

Jão acordou. Mas a voz estava diferente. Os olhos tambem.

— Sabino! As arvores estão mais grossas e as cobras me espiam. As cobras me espiam, Sabino! — Riu, tropeçando.

Continuou:

— Sabino! Ontem o Bento esteve comigo: aqui neste fim de mundo. E contou-me, outra vez, aquela historia da sucurí que tinha a cabeça de oiro. A', Sabino! Se eu prendesse a sucurí... Tirava todo o veneno e ficava dormindo no sôno dela. Mas o Bento não voltou. O sol fez nascente bem no alto de meu peito. E queima. Queima... Dá-me a tua machadinha, Sabino. Depressa. As cobras estão ali, entre as folhas. —

Depois deixou cair os braços, com desalento:

— Não vale a pena. Nem uma delas tem a cabeça de oiro. —

O mais alto saiu da perplexidade:

— O' Jão! Isto é febre. Descansa. —

O outro sentou-se bruscamente no chão recamado de lusco-fusco. E continuou, rôto e bambo, a gritar palavras adoidadas.

Aproveitou a reação do sôno, acomodou o amigo e saiu.

— Pobre do Jão! Pobre do Jão! —

Uma lágrima graúda caiu, redonda, sobre uma palma crespa. O corpo do aventureiro era apenas uma sombra e ainda se ouvia o estálido dos galhos pôdres.

O hómem desapareceu. Entrou no atalho. Saiu do atalho. E viu uma claridade larga, além do arvoredo.

Ouviu barulho de agua que se derramava e apertou as palpebras, surpreendido. Não acreditou e foi andando.

De repente fez alto. Estava á beira duma paisagem tão deslumbrante que doía. Fechou os olhos para demorar o assombro. Abriu-os, devagarinho. Tornou a fechal-os. Ergueu os braços como quem manda parar alguma coisa.

Defronte, espalhava-se um ardor faiscante, igual a um peixe mitologico, de escamas metalisadas, que tivesse saltado da agua para a margem.

Eram as praias de oiro do Pacajá.

E os olhos de Sabino alumiaram-se, as suas

pernas ficaram hirtas, e êle só despertou quando um papagaio nomada arribou, barulhando as pênas.

Então se lembrou do Bento.

Deitava-se. Enterrava-se na praia. Sacudia punhados de areia. Levantava-se: o corpo doirado era tal e qual o de um santo na hora do milagre.

Metia a cabeça na terra. Espojava-se como um animal liberto.

Brilhavam os cabelos, brilhavam as pupilas, brilhava a bôca e os suores, constelados, brilhavam.

III

Jão acordou. Não viu o companheiro. O delírio crescera. O fogo estava subindo, subindo...

Jão teve vontade de sair, procurar um vento e pedir que lhe apagasse aquelas tochas.

Ergueu-se e correu pelo mato; correu muito e foi embocar no mesmo atalho onde Sabino sumira.

E como Sabino, tambem, foi parar, maravilhado, defronte da praia.

O espanto elasticisou-o. Recuou e escondeu-se atrás duma sapopema.

No chão, esquecida, luzia a machadinha do amigo.

— A'! O Bento tinha rasão... A sucurí exis-

tia, saira do rio, estava rolando na praia e tinha, mesmo, uma grande luz na cabeça. —

Alisou a machadinha:

— Que golpe bonito! E que surpreza para Sabino! —

Incandescido, Sabino continuava a banhar-se com areia, a meter o oiro pelos póros, a encher de poeira fúlgida os cabêlos compridos.

Fazia montes luminosos de terra, afogava-se nêles, deixava os braços nús e a cabeça de fóra.

E os braços enroscavam-se molemente, como duas giboias cansadas. E o dono das giboias, com os olhos trancados, sonhava com escravos e caravelas e via escravos e caravelas passando no Pacajá.

— Que golpe bonito! —

Jão queria guardar a sucurí, a cabeça grande da sucurí... E foi por trás, mansamente.

Lampejou na tarde um gesto terrivel. Um respirar precipitado resfolegou na mata. Houve mudez em tudo. O Pacajá botou os seus ruidos no fundo duma restinga. Os môchos que estavam trepados sobre esconjuros bateram as azas preságas.

O matador abaixou-se. Juntou cautelas antes de erguer a cabeça emborcada do defunto, aquela esquesita cabeça de sucurí que tinha cabelos humanos.

Resolveu-se. Virou a cabeça do morto e olhou.

A memoria poz-se a fazer-lhe acenos. Reflexos de lucidez passaram, num rompante de azas.

Olhou profundamente. Emquanto olhava, transformava-se-lhe o rosto na mascara de um homem que vae morrendo enforcado.

A lucidez abriu as azas sobre a memoria do febrento.

Levantou-se, com as mãos abertas:

— Será possivel?

E como um estrondo de angustia, repercutiu um tenebroso grito, que foi afinando, num estertor:

— Sa-bi-no!

Calou-se. O delirio voltou. A febre cresceu. E êle começou a ver sucurís gigantescas que trepavam, doidas, pelos galhos. Sucurís degoladas que mergulhavam no rio. Sucurís sombrias que viravam cipós e outras que viravam arvores sêcas.

Ficou no mesmo logar. Deu turras vagas num cáos abominavel que simulava emaranhal-o.

Esforçou-se para saber onde estava, o que era aquilo que se embolava a seus pés, sobre um lago brilhante.

Teve uma absurda vontade de cantar. Mas não cantou, porque a lingua estava perra pelo asco das cobras soltas.

Ficou repetindo, baixinho:

— Sabino! Sabino! Sabino! Sabino!

Parou.

E gritou uma pergunta reflexa que êle não sabia donde vinha:

— E Sabino, quando é que voltará?

As suas mãos estavam fechadas. Entre os seus dedos, o sangue escorria, misterioso, como rubis oprimidos.

O oiro da terra brincava com vermelho quente, fingindo horizonte.

E nesse dia não houve crepusculo, porque o Pacajá fizera crepusculo na praia.

Porta do Eldorado — 1929.

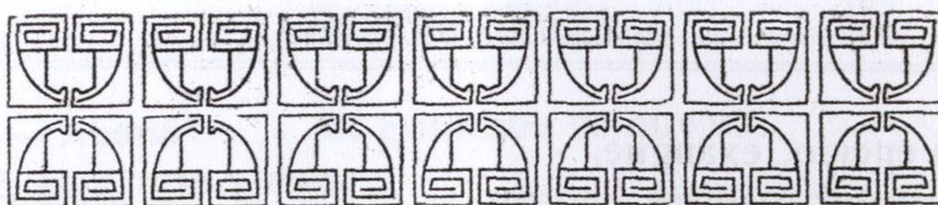
Este conto e os dois poemas seguintes mostram como a sensibilidade amazonense comprehendeu bem a brasilidade modernista. — **equador.**

FRANCISCO PEREIRA

AUTOR DO "POEMAS AMAZONICOS"

DOIS POEMAS

A RAUL BOPP



A HISTORIA DE ABANÁ

Caboclo pamary
está enrolando, á beira d'agua, o seu cigarro
de tauary.

Os dois olhitos sapiranguentos,
furando a hediondez do bronzeo rosto foveiro,
o peito salpintado, os pés visguentos,
caboclo pamary, entre horrendo e bizarro,
parece um tronco podre, á mercê das aguas,
aos encontrões, entre o balseiro...

Contam que, uma vez, cabloco pamary,
cedinho, despertou.
E foi ver, no espelho do lago Ajarraan,
o rosto malaio, crivado de tristezas e de maguas,
que o purú-purú deformou ..

Vencido, exangue,
caboclo pamary chorou...

Então, o sol auriflammante da manhã,
condoído do seu fadario desgraçado,
auroreceu-lhe o olhar, tonificou-lhe o sangue...

Caboclo pamary sentiu
o effeito da luz da Aurora em suas veias...
E sorriu,
num gesto alvoroçado,
prazenteiro,
de alegria selvagem que desperta...

— O Sol illuminára aquella renuncia viva,
a modorrente bizonhice
daquella alma esquiva...

E caboclo pamary
falou assim ao branco forasteiro:

— « Caríua! Sabes por que caboclo Abaná?

« Pae contou que estava Noite toda aberta
quando caboclo nasceu.
Então, pae foi á janella de uadurú,
ergueu japá
e olhou pra dentro da Noite-kiriri...

—«Abaná!»... foi grito que se ouviu...
E lago respondeu:
— «Abaná»!...
E matto longe tambem disse:
—«Abaná!»...

«Era nome de curumy,
pra Noite-bonita saber e contar pra Boia Uaçú...

«Pae de caboclo disse Abaná
porque Noite-kiriri
Não tinha vestido,
num tanga,
nem akangatára...

«Lua Grande estava espiando Arauéra
no meio de Noite nua...
E luz, muito amarella, muito clara,
de lua,
derramada por cima de lago adormecido...
E agua toda accesa e socegada...
E vento quiéto, sentado nas folhas de sumaumeira
[calada...

«Pae viu assim quando levantou japá
e olhou de janella de uadurú...

«Tudo abaná...
E pae de caboclo viu Petuna-poranga

borrando de tauá as cousas todas da aldeia...
E lá dentro de Ajarraan, dormindo, Lua-cheia...

«Pae de caboclo espiou grande e gritou: «Abaná!»
E lago repetiu: — «Abaná!»
E matto longe tambem disse: A-ba-ná!»

«Era nome de curumy,
Pra Noite-bonita saber e contar pra Boia Uaçú...

As palavras indigenas deste poema são da *lingua geral* (tupy-guarany) ou do dialecto fallado pelos *pamarys*, tribu, hoje reduzidissima, que habita as margens do Purús.

Os *pamarys* moram em bizarras *uadurús*, barracas armadas sobre balsas, no meio dos lagos.

Eis o significado das palavras usadas:

ABANÁ — effeito do plenilunio sobre as aguas quiétas do lago: «quando agua está acceso» — dizem elles.

PURÚ-PURÚ — doença de pelle.

CARIUA — homem civilisado.

JAPÁ — porta ou janella tecida de palhas de caranahy ou de qualquer outra palmeira.

KIRIRI — silencioso; calma absoluta.

BOIA-UAÇÚ — a Cobra Grande; a mãe dos Seres.

ARAUÉRA — o mundo.

PETUNA-PORANGA — noite bonita.

CURUMY — creança.

TAUÁ — amarello.

UNIBUÊ DOS CAUAHIB

«O grande chefe Nandê-erovihab-hú
quando vio que o rio tinha poucos bichos,
deu o seu grito de guerra:
—Hia! Hia! Hia! —
E começou a dansar no terreiro da malóca,
falando na lingua do segredo delle.

«O velho ipady estava pintado de barro branco
e tinta de genipapo,
sentado num tronco de sumaumeira...
E tambem dizia o segredo delle,
numa lingua que o segredo do grande chefe não
[sabia...

« Então Nandê-erovihab-hú jogou um abano ao rio.
—O abano virou arraia.
Jogou uma urupema.
—A urupema virou tartaruga.
Jogou um cabello da cunhã delle.
—O cabello virou sucurijú...
E assim fez muitos bichos d'agua.

« O velho ipady ficou zangado,
ergueu-se e falou grande,
na lingua do segredo delle . . .

«Depois, dansou em torno da malóca,
imitando o canto de máo agouro do urutáo.
E agarrou um pilão velho.
Jogou n'agua o pilão velho.
— Pilão velho virou jacaré.
Jacaré foi crescendo,
crescendo . . .
E começou a comer os Cauahib.

« Nandê-erovihab-hú reuniu suas gentes
para matar jacaré grande,
que estava acabando a nossa raça.

— « Hia Hia! Hia! — era o grito do chefe valente!
A lucta foi tão grande que os brados dos Cauahib
chegaram até Ivag, lá longe,
onde Yandê, de noite, apparece,
toda enfeitada de iúb.

« Ivag estremeceu,
ouvindo os gritos de guerra de Nandê-erovihab-hú,
no combate com jacaré grande...
E outros bichos d'agua
vieram depois
para brigar com os Cauahib.

« Trovão feio desabou de lá de cima,
partiu Ivag em quatro pedaços
e veio esmigalhando, com muita raiva,
todas as nuvens que encontrou em seu caminho.
E começou a chuva no mundo.

«Choveu ... choveu ...
Agua grande subiu... subiu... subiu...
Matou Coará, matou Yandê,
matou Yandê-tatãy...

Tudo se acabou ... tudo ...

« Mas, quando Bahira mandou agua grande
Para outras terras,
Nandê-eroviab-hú estava vivo,
e tambem cunhã delle,
trepados os dois numa pupunheira ...

« Estavam os dois gemendo de dôr,
com as palmas da mãos golpeadas,
cortadas,
estragadas,
pelos espinhos da pupunheira ...

«Pupunha é bom pra gente comer.
Mas espinho de pupunheira estraga.
Estragou as mãos dos nossos avós,
estragou as mãos dos que vieram depois.
Todos sentiram os espinhos,

quando se agarraram na pupunheira
onde a vida estava morrendo...

Todos viram como os espinhos fazem
nas mãos da gente...
Todos os que já não são, sentiram e viram.
Nós tambem.
Tapuitin tambem...»

(Do *Inubia*, em preparação).

As palavras indigenas são do dialecto usado pelos *Cauahib*, geralmente conhecidos por *Parintintin* — a mais temivel das tribus do Amazonas e que ha mais de dois seculos vinha trazendo as populações do rio Madeira em sobresalto, estando hoje pacificada, graças ao serviço nacional de protecção aos indios.

Eis a significação de cada uma dellas:

UNIBUÊ — canto ou cantinga.
IPADY — pagé.
IVAG — céo
YANDÊ — lua
IÚB — amarello.
COARÁ — Sol.
YANDÊ-TATÁY — estrella.
BAHIRA — Deus; o que ninguem vê, porque está dentro da pedra.
CUNHÃ — mulher.
TAPUITIN — branco, homem civilisado.
O H é sempre aspirado.

Clovis Barbosa

vae publicar ainda este anno

O PUTIRUM

(Novella)

E

10 ANNOS DE ACRE

(10 annos de curso de Acre,

leão de tapete, egua-madrinha, comido

da lua e outros estrilos).

Raymundo Nonnato Pinheiro

HYLÉA

Romance amazonico

BREVEMENTE

ESTÁ NO PRELO

FLAMINASSÚ

Poesia moderna de

ABGUAR BASTOS



Com a circulação desta publicação, entendia o seu fundador e diretor Clovis Barbosa, abria-se a porta do Eldorado naquele ano de 1929, e creio que tinha mesmo razão, porque os grandes escritores do Amazonas passaram a ter um veiculo expressivo para as suas manifestações: Equador.

Robério Braga

GOVERNO DO
AMAZONAS

SEC
Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM